

os grandes enigmas da segunda guerra mundial

bernard michal

Tradução de Raul Correia



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina



ÍNDICE

Parte I	9
A resistência aos alemães comandada de Lisboa por um agente polaco	15
A garrafa de conhaque que ia matando Hitler	53
Quem matou Darlan?	75
O misterioso caso Tukhatchevski	109
As Armas da Noite	133
A incrível rede da «orquestra vermelha»	159
Katyn: 4500 supliciados sem carrasco	179
O testamento secreto de Roosevelt	203
 Parte II	 223
Roma e Lisboa na Segunda Guerra	229
O avião mistério da guerra louca	267
Skorzeny quis assassinar Ike?	287
Rommel: O Homem a Abater	311
A espia do chapéu vermelho	333
Quem traiu o senhor Max?	355
Dieppe: sangrento prelúdio do dia mais longo ...	381
Mers el-Kébir: mal-entendido, premeditação ou fatalidade?	407

Parte III	435
Wong Kong Kit: o «gangster» de Macau	441
A estranha espera de Dunquerque	469
A extraordinária fuga de Rudolf Hess	495
Singapura: a grande humilhação de Churchill	519
Varsóvia: última vitória de Hitler	543
O caso do Vercors	565
O caso do desaparecimento de Hitler	597
Bibliografia	619



PARTE I

INTRODUÇÃO

SE há um período da história do nosso tempo que se possa considerar mais acentuadamente pródigo em mistérios, é sem dúvida o da Segunda Guerra Mundial.

Neste livro, especialmente dedicado a essa época, apresentamos ao leitor oito «casos», alguns quase completamente desconhecidos do grande público, outros que tiveram uma repercussão mundial, e nos quais entrevistaram personagens estranhas, desde aqueles cujos nomes não foram conhecidos além de um pequeno círculo fechado, aos que figuraram episodicamente em notícias de jornais e logo desapareceram, e finalmente aos que encheram o mundo — por assim dizer — e inevitavelmente acabarão por ser varridos pelo lento rolar dos anos, riscados ou apagados da curta memória dos homens.

Entre estes últimos figuram Churchill, Roosevelt, Estaline, Darlan, Pétain, o general Giraud, Hitler, Goering e outros. Quantos destes nomes são ainda recordados com alguma espécie de nitidez? E, ao cabo de alguns anos mais, quantas pessoas farão de Hitler uma ideia menos vaga do que, na maioria dos casos, fazem há muito a respeito de Átila — que no seu tempo largamente mereceu o nome que lhe deram, de Flagelo de Deus?

Mas voltemos aos oito «casos», oito enigmas que vamos oferecer à sua curiosidade, leitor.

Em «A garrafa de conhaque que ia matando Hitler», poderá ver que mesmo em pleno domínio do nazismo, na Alemanha, havia gente que desejava a morte do ditador. Muita gente? Decerto que não. Apenas algumas criaturas que, mais lúcidas ou melhor informadas, previam o final inevitável da aventura e desesperadamente tentavam evitar a espantosa chacina que durante cerca de seis anos envolveu o mundo.

O enigma de «Quem matou Darlan» está, sobretudo, relacionado com o mandatário — ou mandatários — do crime, e não com o criminoso. Este, o jovem Bonnier de la Chapelle, pagou com a vida o seu gesto. Mas o enigma persiste.

Em «O misterioso caso Tukhatchevski» há nova mudança de cenário. No primeiro caso, os acontecimentos desenrolaram-se na Alemanha, num mês de maio ventoso e ainda intensamente frio; no segundo, passamos ao Norte de África, numa bela manhã de dezembro. Desta vez, estamos em junho e na distante URSS. Juntamente com mais sete condenados, o marechal Tukhatchevski — antigo oficial do exército do czar, que se tornara um dos mais prestigiosos chefes do Exército Vermelho — é fuzilado após um julgamento político, ou, como afirmam alguns, sem qualquer espécie de julgamento. As razões desta execução podem ser várias, ou uma de entre várias. Mas quais, ou qual?

«As armas da noite» levam-nos a Inglaterra e à França ocupada, em agosto de 1940. Estamos em plena «batalha de Inglaterra», quando a aviação inglesa luta furiosamente contra a poderosa Luftwaffe, e acaba por vencer. Foi essa batalha que originou a frase de Churchill, que ficou famosa: «Nunca tantos deveram tanto a tão poucos!» Mas a luta que vai travar-se sob os olhos do leitor tem como adversários técnicos de laboratório ingleses e alemães, especialistas em eletrónica, peritos em comunicações de rádio. São eles que indicam o caminho aos aviões... ou que artemmente os desviam do alvo que pretendem atingir. É a guerra das «ondas»...

Com «A incrível rede da «Orquestra Vermelha» voltamos à Alemanha... e mergulhamos em complicadas operações de espionagem. Uma palavra mais, um passo em falso e é a morte que espera ao cabo de longos e dolorosos interrogatórios. Luta de sombras travada na sombra, atos de heroísmo, cujos protagonistas não podem ser citados nem recompensados. Nem honras, nem medalhas.

«Katyn, 4500 supliciados sem carrasco». É uma enorme e espantosa vala comum para a qual foram lançados cerca de 4500 corpos. As mortes são relativamente recentes, todas as vítimas envergam uniformes de oficiais polacos. Quem os matou? Os alemães acusam os russos, e estes, por sua vez, acusam os alemães. A dúvida persiste, quanto aos carrascos. Mas as vítimas, essas, não oferecem dúvidas.

Vinte e nove dias antes de morrer, o presidente Roosevelt concedeu

uma entrevista à jornalista francesa Geneviève Tabouis, na Casa Branca. Um testamento secreto? Talvez...

«A resistência aos alemães, comandada de Lisboa por um agente polaco», revela os bastidores de uma das muitas manobras cujo êxito foi discutível e se desenrolaram na nossa pacífica Lisboa, em lugares conhecidos e com a intervenção de algumas personagens que foram igualmente conhecidas em certos meios políticos e diplomáticos. O leitor seguirá com interesse os esforços do coronel polaco Jan Kowalewski, aliás Piotr Nart.

Assim, comodamente instalado em sua casa, o leitor passeará por esse relativamente vasto mundo, debruçar-se-á sobre acontecimentos vários e enigmáticos — ficará com uma ideia, talvez mais pormenorizada, sobre certas situações que, na maioria dos casos, são analisadas minuciosamente pela primeira vez.

Uma viagem cómoda e económica, ao longo do tempo. Esperamos que lhe agrade.



A RESISTÊNCIA AOS ALEMÃES COMANDADA DE LISBOA
POR UM AGENTE POLACO

the 1990s, the number of people who have been infected with HIV has increased in almost every country in the world. The number of people who have died of AIDS has also increased in almost every country in the world. The number of people who are living with HIV/AIDS is also increasing in almost every country in the world.

The spread of HIV/AIDS is a global health crisis. It is a crisis that has no borders. It is a crisis that affects people of all ages, all ethnicities, and all social classes. It is a crisis that has the potential to destroy the lives of millions of people.

The spread of HIV/AIDS is a crisis that has no borders. It is a crisis that affects people of all ages, all ethnicities, and all social classes. It is a crisis that has the potential to destroy the lives of millions of people.

The spread of HIV/AIDS is a crisis that has no borders. It is a crisis that affects people of all ages, all ethnicities, and all social classes. It is a crisis that has the potential to destroy the lives of millions of people.

The spread of HIV/AIDS is a crisis that has no borders. It is a crisis that affects people of all ages, all ethnicities, and all social classes. It is a crisis that has the potential to destroy the lives of millions of people.

The spread of HIV/AIDS is a crisis that has no borders. It is a crisis that affects people of all ages, all ethnicities, and all social classes. It is a crisis that has the potential to destroy the lives of millions of people.

The spread of HIV/AIDS is a crisis that has no borders. It is a crisis that affects people of all ages, all ethnicities, and all social classes. It is a crisis that has the potential to destroy the lives of millions of people.

The spread of HIV/AIDS is a crisis that has no borders. It is a crisis that affects people of all ages, all ethnicities, and all social classes. It is a crisis that has the potential to destroy the lives of millions of people.

The spread of HIV/AIDS is a crisis that has no borders. It is a crisis that affects people of all ages, all ethnicities, and all social classes. It is a crisis that has the potential to destroy the lives of millions of people.

ESTÁ por escrever a história dos movimentos de resistência aos Alemães nos diversos países da Europa ocupados pela Wehrmacht. Não faltam, evidentemente, os livros de aventuras reais passadas com os resistentes, como também não faltam as descrições dessas epopeias, tais como, por exemplo, o levantamento de Varsóvia ou os combates para a libertação de Paris. Sucederam-se, e sucedem-se ainda, os filmes sobre o heroísmo de indivíduos ou de grupos de resistentes, cujos autores relatam os acontecimentos desses anos da História europeia e nunca esquecem as referências aos episódios da Resistência. E não chegaria, sequer, uma biblioteca, mesmo com muitos milhares de volumes, para juntar tudo quanto sobre a Resistência se tem escrito.

Todavia, do ponto de vista heroico, há uma grande lacuna a preencher, proveniente das interrogativas: quais os motivos que deram origem ao aparecimento dos núcleos de resistência; quem os apoiou, como e porquê; que objetivos profundos se pretendiam atingir?

Evidentemente que a história que vai ler-se não pretende responder a estas interrogativas. Mais modestamente, limita-se a relatar alguns episódios desconhecidos, ou quase, da guerra secreta conduzida em Lisboa durante grande parte da segunda conflagração mundial. Têm uma figura central: o coronel polaco Jan Kowalewski, que sob o nome de Piotr Nart trabalhou na capital portuguesa com um objetivo principal: tornar mais forte a resistência moral no momento em que a população dos países ocupados pensava que a vitória alemã era inevitável e que não *valia a pena* continuar a resistir.

O coronel Kowalewski partiu da França para Portugal em 1940, no próprio dia em que o marechal Pétain anunciou a capitulação. Todavia, o seu último destino não era Lisboa, mas sim Londres.

À chegada à capital portuguesa examinou a lista do Corpo Diplomático para ver se conhecia alguém e, de facto, entre vários amigos descobriu que se encontrava o ministro romeno, Pangal, com domicílio no Avenida Palace. Conversador brilhante, era, por isso, frequentemente convidado quer pelo Presidente da República, marechal Carmona, quer pelo Presidente do Conselho, Prof. Oliveira Salazar. Ao ouvir a voz do coronel Kowalewski pelo telefone, Pangal ficou satisfeitíssimo e mandou que o seu automóvel fosse buscá-lo imediatamente. Entre ambos travou-se o seguinte diálogo:

— Finalmente — disse Pangal — tenho alguém com quem posso trabalhar e explorar possibilidades. Tenho absoluta confiança em si e sei que também confia em mim. Temos de juntar os nossos recursos e ideias. Estamos apenas no princípio de grandes acontecimentos e sucede que nos encontramos no ponto onde convergem os fios provenientes da Europa e da América. Ninguém está verdadeiramente preparado para os acontecimentos que vão desenrolar-se. Ninguém sabe ao certo o que vai acontecer; todos veem apenas o presente e não têm uma perspectiva do futuro. Eu tenho contacto com todos eles — posso falar com personalidades do Eixo, com franceses de Vichy e com neutrais. Você, por seu turno, por intermédio de Sikorski¹ pode contactar com Churchill e com Roosevelt.

Kowalewski respondeu:

— As suas palavras são tentadoras. Creio que havia muito que fazer aqui. O meu lugar, porém, é em Londres, junto de Sikorski.

— Está completamente enganado, coronel — insistiu Pangal. — Em Londres já há muita gente e aqui não há ninguém. Creia-me. O melhor que tem a fazer é escrever a Sikorski e contar-lhe a nossa conversa desta noite. Vai ver como lhe diz para ficar por aqui.

— Talvez tenha razão — respondeu, pensativo, o coronel, que depois acrescentou: — Vou comunicar a nossa conversa a Sikorski.

Ali mesmo, o coronel Jan Kowalewski redigiu o seu relatório para o levar à legação polaca a fim de que seguisse para Londres na primeira mala diplomática. E três dias mais tarde veio a resposta: *Missão em Londres cancelada. Fique em Lisboa e aguarde instruções. Sikorski.*

¹ Sikorski era o chefe do Governo polaco no exílio, fixado em Londres.

«UMA DENTRO DA OUTRA»

A Resistência polaca, antes do ataque alemão contra a Rússia, estava muito à frente de todos os outros movimentos de Resistência, tendo estabelecido uma complicada rede de comunicações por toda a Europa. Essa rede, com início na Polónia, estendia-se à Suécia, à Suíça, à Espanha, à Turquia e a Portugal. As principais linhas atravessavam a própria Alemanha ou a Eslováquia e a Hungria. A Resistência tinha de ser abastecida de dinheiro, armas, explosivos, aparelhos de rádio e muitas outras coisas. Informações e instruções tinham de passar nos dois sentidos. Mensageiros a pé, esses soldados de infantaria da Resistência, eram os principais elementos com que se contava para atravessar o cerco com que a Gestapo e a Wehrmacht isolavam a Europa ocupada. De noite, atravessavam rios gelados, caminhavam por carreiros desconhecidos, escalavam montanhas agrestes, passavam barreiras de arame farpado ou fugiam à perseguição de cães treinados. Muitos desses mensageiros eram pouco mais do que crianças, outros ainda mulheres e velhos. Era preciso ajudá-los na sua corrida contra a morte, estabelecer pontos de apoio para eles, fazer preparativos para atravessarem as fronteiras e para que alguém os recebesse do outro lado. Quantos deles morreram devido às balas dos guardas fronteiriços alemães ou torturados nas prisões da Gestapo? Nunca se saberá. Os seus nomes nunca poderão ser gravados em placas comemorativas. O coronel Nart raramente conseguia descobrir o que tinha sucedido a um mensageiro que desaparecia. Geralmente recebia apenas uma informação lacónica: *X desapareceu entre o ponto A e ponto B*. O sofrimento e o heroísmo desses mensageiros permaneciam desconhecidos.

Nart tinha de transferir de Londres para França homens e material e tinha de manter contacto com o comando da Resistência na Polónia. Quando os antigos trajetos se tornavam demasiado arriscados, tinha de arranjar outros novos. Alguns dos seus amigos pessoais trabalhavam no organismo central, na França, outros na Roménia e na Hungria, e ainda outros corriam perigos na Polónia. Nart sabia que qualquer indiscrição ou imprudência da sua parte poria em perigo uma série de vidas ligadas em cadeia desde a Polónia até aos Pirenéus.

Ele compreendia claramente a dificuldade que havia em dirigir tais

operações a partir de Lisboa, cidade relativamente pequena, onde a vida de cada um era um livro aberto, onde a polícia internacional estava muito bem informada e onde várias vezes ao dia encontrava na rua agentes nazis. Durante os primeiros anos da guerra os Alemães estavam por toda a parte em Lisboa e Nart precisou de toda a sua habilidade e sorte para que as suas atividades não fossem detetadas. Como não podia tornar-se invisível, tinha de arranjar um processo de camuflagem.



Tudo começou a 1 de fevereiro,
na manhã da capitulação de Estalinegrado

Um dia, foi procurar o seu inseparável amigo Pangal ao Avenida Palace e não o encontrou. O porteiro disse-lhe que Sua Excelência tinha saído mas que voltaria em breve. O dia estava bom e, por isso, Nart decidiu esperar por ele na rua, passeando até aos Restauradores a ver as montras. Ao passar por uma loja de brinquedos reparou nos soldados de chumbo, canhões e aeroplanos e pensou: «Mais uma remessa de brinquedos alemães». Na montra ao lado viu uma alta pirâmide de caixas de madeira de várias cores que encaixavam umas nas outras. A caixa vermelha entrava dentro da caixa azul, esta dentro da verde e assim sucessivamente, até à sétima e última. Havia qualquer coisa de ingénua nesta pirâmide colorida. Nart olhava para ela absorto, pensando ao mesmo tempo na sua juventude quando, por meio de construções deste género, tinha tentado visualizar o tempo, o espaço, os números negativos e a quarta dimensão.



Von Schlabrendorff, principal artesão do complô

Subitamente, teve uma ideia que começou a tomar forma, cada vez mais definida no seu cérebro. Olhando agora com mais atenção para a pirâmide, murmurou: «Uma dentro da outra e novamente essa dentro de outra. Esse é que é o método. Esconder uma atividade com outra e essa com outra ainda. O segredo mais perigoso é o que deve ficar mais bem escondido, como o coração de uma couve. Graças a várias camadas de camuflagem pode-se manter os alemães e os seus esbirros entretidos e

pelo menos demorarão muito tempo até que consigam penetrar através das várias camadas.»

Em poucas semanas Nart organizou uma série de atividades e decidiu considerar como disfarce número um os seus contactos com o mundo diplomático e até mesmo intensificá-los, para criar a impressão de que essa era a sua principal tarefa. O disfarce número dois era o seu «Departamento de Recortes». Os jornais de Lisboa traziam muitas informações interessantes sobre os problemas europeus e, através de certa agência internacional de publicações, podia ser assinante, inclusivamente, dos jornais em língua polaca, publicados pelos nazis em Varsóvia.

Nart enviava para Londres todos os recortes que valessem a pena e isso representava tanto trabalho e atividade que justificaria, só por si, a sua presença em Lisboa.

Em virtude dos constantes boatos de que os alemães ocupariam Portugal, Nart arranjou o seu disfarce número três — uma empresa de importações e exportações. A sede era na Rua Nova do Almada e funcionava com pessoal português que efetuava negócios genuínos. A sua principal vantagem era a de não dar nas vistas e poder continuar a funcionar até mesmo em caso de ocupação alemã. Felizmente os nazis não chegaram a invadir Portugal e assim a empresa de importação e exportação não chegou a ser submetida à prova real.

Por último, Nart era um velejador entusiasta e nada seria mais natural do que dedicar-se a esse desporto num país com uma tão longa linha de costa e com um estuário como o do Tejo. Como camuflagem número quatro, Nart comprou um cúter de quatro toneladas, onde hasteou o galhardete do Yacht Club de Varsóvia, do qual tinha sido vice-comodoro. A tripulação era constituída apenas por Mabilio, um jovem e simpático pescador, alto e moreno, cujos olhos claros tinham o ar sonhador dos marinheiros. Diligente e desejoso de agradar, Mabilio mantinha o *Sheidu* na mais perfeita arrumação.

Sheidu tinha um passado romântico. Pertencera a um engenheiro chamado Duque, que tinha uma amiga inglesa chamada Sheila e o nome do barco surgiu da combinação entre as primeiras sílabas dos dois nomes, simbolizando assim o seu amor.

Sheidu apenas tinha, a princípio, um pequeno motor auxiliar fora de borda, mas Nart conseguiu comprar por bom preço um motor marítimo de quatro cilindros, que foi montado num pequeno estaleiro da margem

sul do Tejo. O trabalho demorou, mas Nart teve ocasião de admirar o bom senso e a habilidade do carpinteiro naval que, com as ferramentas mais primitivas, conseguiu resolver problemas técnicos complicados. Nesse estaleiro, Nart verificou como os Portugueses continuavam a conservar a sua antiga tradição de homens do mar. Por outro lado, as histórias que Mabílio contava durante os cruzeiros a bordo do *Sheidu* elucidaram Nart sobre a dura vida dos pescadores portugueses.

O barco teve um triste fim, ao ser atingido por um ciclone, quando se encontrava ancorado na baía de Cascais. Mabílio e um amigo tentaram salvá-lo mas quase iam morrendo afogados. Felizmente, foram recolhidos pelo barco dos pilotos enquanto o *Sheidu*, entregue à fúria dos elementos, foi atirado contra as rochas e partiu-se em bocados.

Nart substituiu o *Sheidu* por uma simples lancha de pesca, conservando Mabílio como tripulante, mas já não era a mesma coisa.

Protegido por estas quatro fachadas, Nart dedicava-se ao seu trabalho realmente secreto e para isso precisava de várias residências em Lisboa, quer para se encontrar com pessoas, quer para alojar entidades importantes que estavam de passagem pela capital.

Nesta atividade, Nart recorria à colaboração de mulheres portuguesas. Durante os quatro anos que passou em Lisboa, uma delas, a velha Maria Teresa, mudou de casa seis vezes a seu pedido. Numas modestas residências situadas num dos bairros mais pobres de Lisboa, Nart avistava-se apenas com os seus amigos Aliados e esses contactos vitais nunca foram detetados.

Por motivo de segurança, e como precaução para qualquer eventualidade, Nart dispunha de mais dois esconderijos. Um ficava a alguns quilómetros de Lisboa, na Charneca, perto da Costa de Caparica. Era uma casa escondida no meio de uma quinta rodeada de vinha e ficava num vale que dava para uma praia vasta e arenosa, boa para descidas em paraquedas. Junto da quinta havia um grande pinhal que constituía um esconderijo natural e excelente. Uma residência destas era essencial, especialmente para o caso de os alemães chegarem a entrar em Portugal. A praia próxima poderia até servir para desembarques noturnos de submarinos.

Havia ainda um casinho, situado no topo de uma colina, no Monte Estoril; casa pequena mas ideal para fins de semana, que desfrutava de excelente vista para o mar. Vista do lado da estrada, ficava absolutamente

oculta por um alto muro, no qual havia uma porta estreita. Era aqui que Nart se encontrava com os seus «amigos do Eixo», pela calada da noite, quando eles davam um passeio depois do jantar para tomar ar.

Outros encontros, igualmente discretos, tinham lugar na serra de Sintra ou no Guincho. Nart e o seu interlocutor chegavam, a um local previamente combinado, nos seus carros conduzidos por motoristas, que seguiam em frente enquanto os donos se internavam pelo pinhal a conversar. Esses encontros eram principalmente com búlgaros ou japoneses, parceiros do Eixo, de quem lhe interessava extrair informações.

Muitas vezes, depois dos seus encontros secretos, Nart dormia no casalinho do alto da colina, onde havia sempre vento. Quando não era a nortada seca e fria que soprava, era o vento húmido do sudoeste. Este vento levava o ruído da rebentação das ondas à distância, e o grande pinheiro que dava sobre a casa agitava-se com ruídos estranhos. Nessas noites, Nart não conseguia conciliar o sono e tinha a sensação de se encontrar numa jaula suspensa sobre o oceano, no limite do continente, mas ligada por fios invisíveis aos terrores, sofrimentos e esperanças da Europa. Na sua memória misturavam-se as recordações do passado com outras recentes de acontecimentos em que tomavam parte ativa, nesta terrível luta, homens que tinha conhecido durante toda a sua vida.

A ALEMANHA VAI DECLARAR GUERRA À RÚSSIA

Bateram à porta. Era a D. Maria da Glória, proprietária da Pensão Saldanha, a dizer que chamavam o senhor Nart ao telefone. Quando pegou no auscultador, ouviu a voz de Pangal a dizer:

— O nosso amigo Hans Lazar acaba de telefonar de Madrid. Vem a caminho, de automóvel, e está muito interessado em falar connosco logo que chegar. Esteve em Berlim, onde falou com muita gente e parece ter grandes novidades.

Pangal acentuou esta última frase e Nart, enquanto passava, maquinalmente, a mão pelo cabelo, respondeu:

— Muito bem. Falarei com ele.

Talvez que Hans Lazar, o austríaco que trabalhava como agente de propaganda nazi, a quem Pangal se referira, lhe desse elementos que fal-

tavam para completar o seu esquema de raciocínio. Em Berlim ele tinha falado com «muita gente» o que, por outras palavras, significava Ribbentrop, Goebbels, Himmler e outros, pelo que deve ter ficado com uma ideia aproximada dos seus planos. Estariam eles a preparar uma loucura monumental? A voz suave de Pangal parecia vir de muito longe quando disse:

— Avisá-lo-ei logo que Hans chegue. Ele vai ficar no Avenida Palace. Você vem ter comigo ao meu quarto, como habitualmente, e ele entra pela casa de banho. Não há o perigo de que qualquer de vocês seja visto.

Três dias mais tarde, precisamente a 15 de maio, Pangal telefonou novamente a Nart para lhe marcar um encontro com Hans Lazar às duas da tarde. À hora marcada, Nart chegou ao pé do hotel e, mentalmente, foi tomando nota dos automóveis estacionados à porta. Sem dificuldade notou entre eles um elegante *Mercedes* creme, com matrícula espanhola, um motorista fardado de azul e vários embrulhos de compras empilhados no banco de trás. Não havia dúvida: Hans Lazar tinha progredido muito desde que Nart o conhecera em Bucareste, no começo da sua carreira como jornalista.

Ele era bastante esperto e, por esse motivo, Nart costumava, já nessa altura, procurá-lo para trocar impressões. Muitas vezes este vienense tinha-lhe dado pequenas informações, ou conjeturas, que se revelaram preciosas para os seus relatórios. Nessa altura, Lazar ganhava modestamente e vivia em conformidade com o salário. Agora o automóvel de luxo revelava uma situação muito diferente.

Nart encontrou Pangal sozinho no quarto e ficou a saber por ele que Lazar vinha muito cheio de si e de tudo aquilo que ouvira em Berlim.

— Parece-me, no entanto, que, além da importância que ele atribui a si próprio, há qualquer coisa que realmente o impressionou. Aquilo em Berlim está agitado... — preveniu Pangal.

Ouviu-se uma pancada discreta à porta e Hans Lazar entrou no quarto. Era mais alto do que os outros e muito mais bem vestido, com gravata, peúgas e lenço a condizer. A sua pele escura e geralmente oleosa estava empoada para atenuar o tom de azeitona, mas os olhos escuros tinham o mesmo brilho e os dentes muito brancos reluziam.

— Você está na mesma, desde a última vez que nos encontramos — começou Lazar. — Ora deixe-me ver: quando saiu você de Bucareste? — inquiriu com o seu sotaque austríaco.

A cara de Lazar parecia de cera e Nart reparou nesse pormenor novo que, quase instintivamente, o colocou em guarda.

— Saí de Bucareste em 1937 — respondeu.

Durante alguns instantes os três homens trocaram reminiscências sobre a capital romena, até que Lazar abordou o assunto que o preocupava:

— Acabo de regressar de Berlim. Você não faz ideia do que vai por lá. Está a tornar-se o centro de tudo. Decisões históricas estão a ser tomadas. É verdade: Hitler — *Der Führer* — (Nart notou um ligeiro tom de troça) — está a decidir o futuro do Mundo. Avistei-me com todos eles. Ribbentrop estava tão ocupado que era impossível manter uma conversa coerente. De cinco em cinco minutos, sem exagero, o telefone tocava ou um dos seus ajudantes entrava precipitadamente. Ribbentrop trabalhava à pressão e o mesmo acontecia com Goebbels. Despejava instruções sem ter tempo de ouvir o meu relatório. Dizia ele que o relatório já estaria desatualizado antes de eu ter tempo de o acabar. Aqui para nós, Goebbels tem espírito. Goering, esse deu-me palmadas nas costas e convidou-me para um banquete de arromba. Vi lá alguns oficiais do Alto Comando da Wehrmacht e todos eles estavam muito bem-dispostos. Acredite no que lhe digo: decisões tremendas estão a ser tomadas em Berlim.

Enquanto Lazar continuava com a sua narrativa sobre a capital nazi — «a nova Meca do Mundo» — Pangal saiu discretamente do quarto. A expressão de Lazar mudou e ele aproximou-se de Nart para lhe confiar:

— Quero que saiba que não sou membro do partido nazi. Se fosse, poderia ser ministro ou embaixador. Era só pedir por boca, mas prefiro continuar a ser apenas Hans Lazar, adido de Imprensa da embaixada alemã em Madrid. Não há nada como continuarmos com a nossa velha profissão. Compreende, não é verdade?

A súbita mudança de tom não passou despercebida a Nart, que acenou afirmativamente mas não interrompeu o seu interlocutor. Sabia que Lazar falaria sozinho até chegar ao ponto que realmente lhe interessava discutir.

— Ora então escute o que eu tenho para lhe dizer — prosseguiu. — Você conhece as minhas opiniões sobre a Polónia e o seu povo. Eu disse a toda a gente em Berlim que a nossa política, em relação aos polacos, é uma loucura. E o que é mais importante, e você talvez não saiba, é que todos concordam comigo, especialmente os generais. Um, que até

pertence ao estado-maior de Frank, ficou encantado com tudo o que eu disse. Ele pensa que nós estamos a desperdiçar as oportunidades de fazer os polacos nossos amigos e que ainda poderemos vir a precisar deles.

Lazar parou e olhou diretamente para Nart, mas não viu nos seus olhos qualquer resposta, embora brilhassem de excitação contida.

— Repare numa coisa — prosseguiu o austríaco. — Apenas Hitler é responsável pelo tratamento dado aos polacos. Quando alguma pessoa razoável lhe diz que a política de Hans Frank na Polónia é loucura, ele tem logo um ataque de raiva, grita até ficar rouco e garante que, para segurança dos alemães, todos os polacos, e, em especial todas as mulheres polacas, devem morrer.

»“O extermínio dos polacos é uma condição primordial da segurança alemã”, disse ele a um dos meus informadores e, como é evidente, as ordens do Führer, na origem de toda a brutalidade, são executadas à letra. Não tenho a certeza de que Himmler esteja de acordo, mas limita-se, simplesmente, a fazer o que lhe mandam.

Nart continuava silencioso. Lazar levantou-se, deu alguns passos pelo quarto, e voltou a sentar-se, puxando a cadeira para mais perto ainda. A sua cara tinha perdido o aspeto de cera mole e estava rígida.

— Agora, por favor, grave bem na sua memória o que lhe vou dizer. Decisões muito importantes estão a ser tomadas neste momento em Berlim. Decisões que afetarão o destino da Humanidade por muitos séculos. Isso mesmo. Você não pode conceber a magnitude dos preparativos. São colossais. Tudo está coordenado, todos os pormenores foram estudados e cada elemento ocupa o lugar que lhe foi designado. O momento supremo da guerra aproxima-se e terá lugar entre 20 e 25 de junho.

O telefone tocou.

— É para mim — disse Lazar, levantando o auscultador.

Depois de trocar algumas palavras, desligou e disse:

— Chame Pangal, tenho de me ir embora.

Nart levantou-se e, quando ia para abrir a porta de comunicação, Lazar perguntou-lhe, com voz embargada:

— Compreendeu tudo o que lhe disse?

— Claro que compreendo — respondeu calmamente. — A Alemanha vai atacar a Rússia.

Lazar olhou para ele durante um segundo, fixamente, e depois virou-se, bruscamente, ao mesmo tempo que murmurava:

— Não fui eu que o disse, lembre-se. Você é que chegou a essa conclusão.

Falando novamente em tom normal, Lazar acrescentou:

— Oiça, você tem amigos em Londres. Diga-lhes que façam qualquer coisa rapidamente para deter Hitler antes que ele desencadeie esta avalanche. Isso será o fim de tudo aquilo que a Alemanha tem pretendido defender.

Nart saiu do hotel e encaminhou-se para o Rossio, cujos cafés estavam cheios como habitualmente. Lazar tinha confirmado aquilo de que ele já suspeitava. Restava-lhe escrever o relatório que pudesse convencer Sikorski, o qual, por seu turno, falaria a Churchill.

Nart levou primeiro um telegrama à legação polaca para ser posto em código e transmitido pela rádio, e, em seguida, foi para casa. O conhecimento de que as suas deduções estavam certas não o encheu de satisfação. A sua principal reação foi de fadiga. Tal como um artista que completa uma importante obra de arte, apetecia-lhe sentar-se a contemplá-la. No seu quarto começou a tomar nota sobre a conversa com Lazar, sem nada omitir, e terminou dramaticamente com a seguinte frase: *Estão quase concluídos os preparativos para a Alemanha atacar a Rússia, entre 20 e 25 de junho.*

Na manhã seguinte, a 17 de maio de 1941, Nart entregou o seu relatório na legação polaca para seguir na mala diplomática.

OPERAÇÃO TRIPÉ

Desde outubro de 1940² Nart trabalhava em colaboração com os refugia-

² No mês seguinte, enviou um memorando a Sikorski sobre os princípios em que a Resistência devia organizar-se. Esse memorando — cujas ideias Sikorski compartilhava, conforme fez saber a Kowalewski, e as quais tentava chamar Churchill — chegou a Londres numa altura em que os movimentos de resistência eram menosprezados, conforme o seriam ainda por muito tempo, pelos dirigentes políticos de Londres. O historiador francês Henri Michel, em *Les Mouvements Clandestins en Europe*, acentua: *Em momento algum o problema da Resistência da Europa no seu conjunto foi levantado nas conversações interaliadas. Mais, para qualquer dos Três Grandes (Grã-Bretanha,*

dos que, vindos de todos os cantos da Europa, chegavam a Lisboa. Com eles discutia problemas de interesse para os respetivos países e estudava a possibilidade de reforçar os respetivos movimentos de resistência à ocupação alemã. O grupo dos refugiados que colaboravam com Nart acabou por ser conhecido como o Comité Interaliado.

Em novembro de 1940, Nart tinha redigido um memorando sobre os princípios em que a Resistência devia organizar-se. Sikorski fez saber a Jan que o memorando estava de acordo com as suas próprias ideias, que entretanto discutira com Churchill. O primeiro-ministro britânico acabou por concordar com elas e por enviar auxílio a vários movimentos europeus de resistência. Em fevereiro de 1941, quando Wendell Wilkie passou por Lisboa, o Comité Interaliado enviou-lhe o memorando de Nart, mas ele não deu resposta. Bastante mais tarde, as ideias contidas no memorando reapareceram sob o patrocínio norte-americano e desempenharam a sua parte no trabalho do O. S. S..

Nart também tinha um plano para a Itália e para os países subordinados à Alemanha: a Hungria, a Roménia, a Bulgária e a Finlândia. Em primeiro lugar, pretendia despertar nesses países ceticismo quanto à probabilidade da Alemanha obter uma vitória completa; em segundo lugar fomentar o desejo de se precaverem contra surpresas desagradáveis; e, por último, a decisão de se afastarem da aliança com os nazis. Durante o inverno de 1940-41 tinha tentado convencer os futuros satélites de que deviam afastar-se da Alemanha na primeira oportunidade e ficara surpreendido com o entusiasmo com que os italianos e húngaros em Lisboa tinham aceitado a sua sugestão. Por seu turno, Jan Pangal divulgava as ideias de Nart com tanto entusiasmo que Antonescu o demitiu do cargo de ministro da Roménia em Lisboa³.

Quanto aos seus amigos italianos, eles diziam que, se a guerra com a

Estados Unidos e União Soviética) a Resistência é apenas uma força ocasional... Não houve política, estratégia, diplomacia, elaboradas e aplicadas pelos três grandes aliados relativamente aos movimentos clandestinos na Europa. A Resistência desempenha fraco papel nas preocupações dos Aliados. Para eles, a Europa ocupada tornou-se um campo de operações militares imediatas ou possíveis. Colocam os problemas em termos de forças a enfrentar ou a comandar... No domínio da guerra clandestina, o papel da Grã-Bretanha é importante e Churchill é o seu promotor.

³ Jan Pangal continuou em Lisboa a título particular, conservando assim a liberdade de trabalhar com Nart. Depois da guerra foi para Paris durante algum tempo, mas regressou a Lisboa, onde morreu em 1950.

Rússia se arrastasse e não houvesse um resultado decisivo até meados de outubro, o rei Vittorio Emanuele dispensaria os serviços de Mussolini, conferindo-lhe o título de príncipe, como agradecimento, e nomearia outro primeiro-ministro com a missão de negociar a paz com a Grã-Bretanha. Estas afirmações eram provavelmente exageradas, confundindo desejos com realidades, mas de qualquer forma mostravam que todos os aliados do Eixo sabiam que a Alemanha não estava preparada para uma campanha de inverno. Se a Wehrmacht não conseguisse destruir o Exército Vermelho até ao inverno, então a Alemanha não conseguiria derrotar a Rússia.

Com isso, Nart voltava ao seu tema favorito: não só o Japão e a Turquia não alinhariam ao lado da Alemanha contra a Rússia, como também os satélites abandonariam o Eixo. Tinham de ser feitos todos os esforços para acelerar a desintegração do Eixo e para virar os satélites contra a Alemanha. Para isso havia que jogar com os seus instintos de autodefesa, mas por onde começar?

Todos os satélites alemães entraram na Segunda Guerra Mundial porque um dirigente ou uma pequena camarilha assim o decidira⁴. Não eram só os camponeses e operários que recebiam a guerra. O mesmo acontecia com os funcionários públicos, os políticos, os diplomatas, os jornalistas, os professores, os proprietários de terras e muitos outros. Com raras exceções, eles pensavam ser mais prudente que os seus países se mantivessem de fora numa guerra que era feita pela Alemanha. Assim, quando de um dia para o outro os seus países se tornaram beligerantes, sentiram-se lesados emocional e racionalmente.

De cada vez que a Alemanha sofria um desaire, sobretudo após a primeira grande retirada, ficavam cheios de pânico. Que sacrifícios seriam ainda obrigados a fazer? As suas opiniões em nada contavam para o caso, pois desde o início das hostilidades vigorava a lei marcial, o que dificultava a posição dos que duvidavam da vitória e preferiam afastar-se.

Examinando o mapa da Europa, parecia a Piotr Nart que a forma mais eficaz de ajudar a Rússia seria abrindo a segunda frente nos Balcãs. Se os exércitos alemães atingissem o Volga, o Sueste da Europa seria o seu flanco mais exposto. A Grécia e a Jugoslávia já se encontravam em

⁴ A Finlândia foi a única exceção devido ao ataque russo de 1939 contra ela, mas até mesmo o povo finlandês queria acabar com a guerra, logo que as tropas finlandesas reocuparam as áreas tomadas pelos Russos.

estado de revolta e se a Hungria, a Roménia e a Itália tivessem uma oportunidade de abandonar o Eixo, todas as tropas alemãs ao sul do Danúbio poderiam ficar encurraladas. Sem dúvida, o terreno dos Balcãs era difícil, mas se os exércitos húngaro e romeno se juntassem às forças aliadas, isso compensaria. A simples ameaça de tal perigo forçaria a Wehrmacht a retirar tropas da frente oriental para os Balcãs e para a Itália.

Nart aplicou-se a tentar desintegrar o Eixo e a atrair os seus satélites para o lado dos Aliados. Estava convencido de que nesses países meia dúzia de pessoas influentes poderiam ser persuadidas de que a Alemanha não ganharia a guerra e que, portanto, era do seu interesse abandonar os Alemães enquanto era tempo. Também estava convencido de que, desde que essas pessoas perdessem a fé na vitória alemã, estariam dispostas a meter ombros à perigosa tarefa de alterar o destino da sua pátria. Na Itália esse papel teria de ser desempenhado pelo rei, pelo que era necessário procurar, entre aqueles que o cercavam, os homens capazes de, discretamente, prepararem o terreno para a mudança. O mesmo se poderia dizer da Roménia e, quanto à Hungria, esperava poder encontrar tais pessoas entre os colaboradores de Horthy. Evidentemente, Nart precisaria de vias diplomáticas para entrar em contacto com esses eventuais conspiradores.

Uma vez contactados, ficaria a seu cargo a organização de golpes de Estado, os quais só teriam êxito com o apoio de um ou mais dos principais chefes militares. Entretanto, a opinião pública teria de ser preparada através de uma propaganda subtil que espalharia alguns *slogans* derrotistas capazes de ficarem no ouvido. Como os satélites alemães viviam, mais ou menos, em regimes totalitários, era de pôr de parte a hipótese de revoltas populares. Mesmo que tais revoltas pudessem ser organizadas, os seus resultados seriam fracos, pois os Alemães, ajudados pelos Quislings locais, tratariam de as reprimir brutalmente. Por essa razão, o apoio dos chefes militares era de vital importância: eles podiam lançar as tropas no momento decisivo e fazer inclinar a balança a favor do golpe de Estado ou da revolução palaciana.

Nart discutiu o seu plano com alguns amigos seguros, mas eles rejeitaram-no por demasiado ambicioso. No entanto, tinha a certeza de que aquilo que, por agora, parecia improvável, tornar-se-ia evidente mais tarde. Nart sabia que o êxito dependia do maior ou menor grau de entusiasmo que conseguisse transmitir aos seus ouvintes. Os acontecimen-

tos se encarregariam do resto, pois as dificuldades experimentadas pela Alemanha, bem como as vitórias aliadas, contribuiriam para acelerar a desintegração do Eixo.

Porém, antes dos dirigentes dos satélites se atreverem a algo de tão perigoso, como o abandono da Alemanha, certamente pediriam garantias sobre o futuro tratamento dos respetivos países. Poderiam essas garantias ser conseguidas? Nart confiava em que Sikorski compreendesse o seu plano e Sikorski representava o Governo polaco, mas mesmo o Governo polaco não estava em posição de fazer promessas de grande alcance. Apenas Churchill e Roosevelt as poderiam fazer. Nart sentia-se cético quanto à sua atitude, sem falar na dos Russos, mas, de qualquer forma, não queria dar-se por vencido sem tentar primeiro.

Os seus relatórios eram tão persuasivos que Sikorski compreendeu o seu plano e mandou-lhe dizer para continuar, mas discretamente, «sem comprometer o Governo polaco». Apenas em julho de 1943, quando o seu trabalho solitário começou a produzir frutos de importância política e militar, o Governo polaco se decidiu a enviar ao coronel Nart uma autorização escrita para levar a cabo a «Operação Tripé». Esta designação abrangia a Itália, a Hungria e a Roménia — os três países que Nart procurava afastar do Eixo. Essa autorização, contudo, era assinada por Stanislan Mikolajczyk e não por Sikorski. Por essa altura, o homem que tinha compreendido e apoiado Nart já não pertencia ao número dos vivos.

Mas em janeiro de 1942, ao receber a mensagem de Sikorski, Nart lançou-se ao trabalho. Começou por insistir com os ministros italiano, húngaro e romeno sobre as razões pelas quais a Alemanha não poderia ganhar a guerra. Os seus argumentos estavam de acordo com aquilo que eles próprios sabiam sobre a forma como decorria a guerra. O resultado foi que eles enviaram aos respetivos governos relatórios nada ortodoxos e confiaram a Nart os receios que sentiam sobre o perigo que os respetivos países corriam e as suas esperanças de que pudessem desligar-se da Alemanha. Em breve, Nart notou que eles se consideravam como salvadores dos respetivos países. Que diplomata poderia ambicionar uma missão mais importante?

Dentro dos seus países eles começaram a procurar homens que pudessem levar a cabo os planos que arquitetavam. Para isso tinham a vantagem de poder corresponder-se sem interferência do censor, enviando,

com tato, cartas não só aos seus ministros dos Negócios Estrangeiros, mas também ao rei, ao regente, ao primeiro-ministro, aos generais, etc..

Em consequência dessa correspondência segura, mas de natureza quase conspiratória, começaram a aparecer em Lisboa mensageiros secretos que transmitiam a Nart, de viva voz, «mensagens extraconfidenciais». Lenta e gradualmente, começou uma troca de opiniões entre Nart e importantes personalidades da Itália, da Hungria e da Roménia. O objetivo de Nart era persuadi-los de que tinham de começar a preparar a passagem dos seus países para o campo aliado e que, por razões de segurança, ele não queria sequer ter conhecimento desses preparativos enquanto não estivessem prontos e pudessem ser coordenados com os dos Aliados.

A fase seguinte do trabalho de Nart era a de convencer os governos satélites, através dos seus representantes em Lisboa, a tomarem certas atitudes negativas. Em primeiro lugar, sugeriu que esses países não tomassem parte na guerra contra a Rússia ou, no caso de isso ser impossível, que reduzissem a sua participação a um mínimo. Neste ponto obteve imediata reação favorável de dirigentes dos três satélites.

Na primavera de 1942, Nart fez uma lista de novas sugestões: 1. — Os satélites deviam reduzir ao mínimo toda a sua colaboração com os Alemães; 2. — Deviam evitar todos os atos que pudessem ser interpretados como crimes contra a humanidade e, antes de mais nada, evitar a perseguição aos Judeus; 3. — Não deviam enviar reforços de tropas para a frente oriental; 4. — Não deviam substituir os homens que ali fossem mortos ou feridos; 5. — Deviam manter o controlo sobre as suas tropas de forma a poderem retirá-las da frente, mesmo contra a vontade dos Alemães; 6. — Deviam manter, tanto quanto possível, as suas próprias linhas de comunicação; 7. — Não deviam enviar trabalhadores para a Alemanha; 8. — Deviam limitar ao mínimo os fornecimentos económicos aos Alemães; 9. — Deveriam auxiliar os prisioneiros de guerra Aliados.

Como se verá mais tarde, os três países cumpriram a maior parte destas sugestões.

Em seguida, Nart propôs ações ainda mais concretas, a saber: 1. — Os seus amigos deviam preparar certas zonas para as quais o Governo e o Exército se pudessem retirar e aguardar ali a chegada das tropas aliadas, na eventualidade de operações militares nos Balcãs. Para a Roménia, tinha pensado na Olténia, a região entre os Cárpatos e o Danúbio;

na Hungria, indicou a zona entre a floresta Bakony e os rios Drave e Save; 2. — Em caso de catástrofe, o chefe do Estado devia partir para o estrangeiro, pelo que um avião estaria sempre pronto para o rei Miguel e para o almirante Horthy; 3. — Se a situação fosse propícia, as fronteiras deviam ser encerradas e as tropas alemãs estacionadas no interior seriam desarmadas.

Com surpresa de Nart, os dirigentes húngaros e romenos aceitaram em grande parte estes planos, que equivaliam a uma conspiração antialemlã. Por esta altura, estava-se no verão de 1943, Mussolini tinha caído e a Itália estava praticamente fora da guerra, mas foi então que se verificou uma mudança na atitude dos Aliados, a qual recebeu forma concreta na Conferência de Teerão.

Os dirigentes britânicos e americanos aceitaram os conselhos do general Sikorski, respeitantes aos movimentos de resistência. Assim, enviaram auxílio aos Gregos, aos Jugoslavos de Mihailovitch e, mais tarde, de Tito; à Resistência francesa e a todos os que, de qualquer forma, lutavam contra os Alemães. Mas, no que diz respeito aos infelizes e pequenos países que se encontravam ao lado dos Alemães, principalmente devido à sua posição geográfica, nem Churchill nem Roosevelt prestaram atenção a Sikorski. Devido às intrigas soviéticas, os Polacos já não gozavam da mesma estima que tinham em 1940 e 1941, quando a Polónia era o único aliado da Grã-Bretanha em guerra e constituía «uma inspiração para o mundo democrático». Nessa altura, todas as pessoas na Grã-Bretanha assobiavam os acordos do *Concerto de Varsóvia*.

Em janeiro de 1943, em Casablanca, os dois grandes aliados ocidentais viriam a proclamar a fatídica fórmula da «rendição incondicional», bloqueando assim a estreita e sinuosa via que teria permitido a passagem dos satélites para o campo aliado, pois nenhum país que se preza aceitaria uma rendição incondicional, enquanto lhe restassem forças para lutar. Mais tarde, em Teerão, os Três Grandes concordaram em que a Europa Oriental ficaria a pertencer à esfera de influência soviética e foi isso que pôs fim ao trabalho de Nart.

Típico da confusão criada pelo facto de a União Soviética se ter tornado um dos Grandes Aliados, os superiores de Piotr não o notificaram oficialmente desta alteração da política, quando ela se verificou. Os seus amigos britânicos apreciavam as informações que recebiam dele mas não só não lhe permitiam fazer propostas concretas aos satélites como

também não o informavam de que o destino desses países estava decidido. Agentes britânicos na Europa Oriental e no Médio Oriente também trabalhavam para os Governos húngaros e romeno, mas com princípios muito diferentes dos que eram aplicados por Nart. Muitos desses agentes, especialmente entre o grupo do Cairo, simpatizavam com os comunistas e faziam o seu jogo, mais ou menos conscientemente⁵.

Quando as esperanças numa campanha dos Balcãs se perderam, e os assuntos dos países satélites tomaram um rumo muito diferente daquele que tinha previsto, Nart escreveu no seu diário: *Plantei algumas*

⁵ Quando terminou o período de apaziguamento dos Soviéticos, admitiu-se que muitos comunistas tinham sido empregados na luta política. Vários membros da Câmara dos Comuns e da Câmara dos Lordes referiram-se a este facto. Na América, conforme revelou o caso Alger Hiss, agentes comunistas e soviéticos conseguiram infiltrar-se em altos cargos da Secretaria de Estado. Depois do corte entre a Jugoslávia e o bloco soviético, os jugoslavos fizeram revelações interessantes.

A 29 de janeiro de 1950, a Rádio de Belgrado transmitiu um artigo publicado no mesmo dia pelo jornal *Borba*, em resposta a um ataque contra a Jugoslávia escrito por James Klugman no *World News and Views*. Foi o seguinte o resumo transmitido pela BBC do artigo do *Borba*:

Como membro da União Internacional de Estudantes e de outras organizações progressistas da juventude, Klugman visitou Belgrado antes da guerra e mostrou grande interesse nos assuntos jugoslavos, o que não é estranho, considerando que Klugman era na altura membro do Partido Comunista Britânico. Mas quando, durante a guerra, ele começou a mostrar interesse na luta da Resistência, isso já não se compreendia tão bem, pois tinha chegado a Bari em 1944 como major dos Serviços de Informação britânicos, vindo do Cairo, que durante a guerra foi o refúgio do rei e do comando do Exército jugoslavo no exílio. Mas quando se liga a sua missão no Cairo, como major, com a sua chegada a Bari — que era a base do Exército Popular de Libertação, e com a sua subsequente ligação à missão da UNRRA na Jugoslávia — torna-se evidente que espécie de comunista ele é e qual o motivo do seu interesse pela Jugoslávia.

O *Borba* citava em seguida casos de outros indivíduos que tinham tido cargos influentes no Partido Comunista Britânico e que tinham mostrado interesse semelhante pelos assuntos jugoslavos. Kenneth Syers, que foi oficial britânico de ligação junto do Exército jugoslavo e mais tarde se tornou correspondente de guerra do *News Chronicle* em Belgrado; Betty Wallace, que tinha vindo à Jugoslávia como amiga; Peter Wright, adjunto do adido militar britânico em Belgrado, que foi mencionado na acusação de Mihailovitch; todos eles eram membros do Partido Comunista Britânico e o *Borba* concluía que também todos eles participavam ativamente na campanha do Cominform contra a Jugoslávia, como «leais amigos da União Soviética» ou defensores da «solidariedade internacional», confirmando assim a opinião de Tito de que «elementos indesejáveis se tinham infiltrado nos partidos comunistas de vários países e estavam agora a desempenhar um papel ativo na campanha do Cominform.»

sementes. Elas desenvolveram-se, apesar de o clima ser desfavorável, e floresceram prematuramente.

A «ABWEHR» E O FIM DA MISSÃO

Um dia, em outubro de 1943, Pangal veio ter com Nart, muito agitado, e contou-lhe: «O embaixador alemão pediu-me para lhe dizer que um oficial da embaixada precisa de falar consigo, pois tem uma mensagem muito importante para si. Huhne pediu-me que usasse toda a minha influência para o convencer a encontrar-se com esse homem. Ele dá a sua palavra em como o encontro será entre cavalheiros e de que o problema a discutir é vital, mas o encontro tem de se verificar dê lá por onde der». O convite de Huhne colocou Nart perante um dilema: ou se avistava com o homem para ver do que se tratava, e, se alguma coisa corresse mal, arriscava-se a comparecer perante um tribunal militar, ou recusava-se e ficava sem saber o que os Alemães planeavam.

«O meu dever é apurar tudo aquilo que puder. É para isso que estou aqui» — disse para com os seus botões. Tinha tido sorte nas suas fugas da Polónia, da Roménia e da França, e, por isso, pensava que poderia correr riscos de uma natureza diferente. O facto de o embaixador alemão lhe ter enviado um convite, abertamente, significava que os Alemães tinham descoberto a verdadeira natureza da sua missão, penetrando através das diversas fachadas e, portanto, a sua utilidade estava praticamente terminada. Assim, informou Pangal que decidira encontrar-se com o oficial alemão.

O seu amigo romeno trouxe-lhe um pedaço de papel no qual estava escrito o local, a data e a hora do encontro. Quando Pangal lhe disse qual era o carro em que o alemão estaria à sua espera, Nart teve um choque: tratava-se daquele elegante carro de marca americana que na garagem costumava ficar ao lado do seu «La Salle». Estava pintado de verde-claro e as rodas eram de cor creme. Nart julgava que ele pertencia a uma senhora elegante e chegara a pensar que ela o usava para os seus passeios românticos.

O espetáculo prático do encontro teria de ser planeado com cuidado pois não era de pôr totalmente de parte a ideia de um rapto. Nart disse aos amigos qual o caminho que pediria ao alemão para seguir, qual o

local junto do Campo Pequeno onde ficariam a conversar e qual o caminho que seguiriam até ao Marquês de Pombal, onde Nart se apearia. Noutra carro os amigos deveriam segui-lo, discretamente, e caso o alemão se desviasse deste itinerário, entrariam em ação para o salvar.

No dia combinado, o carro verde-claro estava no local do encontro. Com exceção do sinaleiro, a praça estava deserta. Nart viu, sentado ao volante, um indivíduo louro, de olhos azuis, de complexão forte e aspeto tipicamente alemão. Não tinha a cara queimada pelo sol, o que era estranho após um verão excepcionalmente quente. O alemão olhou para Nart, na expectativa, quando ele se aproximou do carro e, depois de lhe abrir a porta, fez uma vénia com a cabeça e disse:

— Eu sou o capitão Kramer. É estranho que nunca nos tenhamos encontrado.

Nart também pensou que, de facto, era estranho nunca ter visto o dono do carro que ficava arrumado junto do seu na garagem. Entrando, sugeriu:

— Penso que seria melhor se fôssemos conversar para outro sítio.

— Para onde deseja ir? — perguntou Kramer.

— Para a rua que passa por trás do Campo Pequeno — respondeu Nart, que explicou qual o melhor caminho.

O alemão concordou e pôs o carro em andamento. Ele guiava bem e depressa. Ao darem a primeira curva, Nart certificou-se de que o carro dos seus amigos vinha atrás, sem dar nas vistas.

Enquanto guiava, Kramer disse:

— Eu sou militar, mas tenho um trabalho especial. Se o convidar para este encontro foi porque tenho coisas importantes a dizer-lhe. Infelizmente, alguns dos seus amigos foram presos na França. Até agora não tínhamos a certeza de que o senhor tivesse contactos com eles, mas recentemente ficámos a saber bastante sobre as suas atividades e os meus chefes acharam conveniente que eu falasse consigo.

Nart compreendeu imediatamente a quem se referia o alemão. Além de Stanislaw Zabiello⁶, o professor Zaleski também tinha sido preso em Grenoble. Na sua residência foram encontradas cartas, através das quais tinha sido fácil estabelecer as relações entre ambos. Felizmente, nem Za-

⁶ Conde Stanislaw Zabiello, funcionário superior do Ministério dos Negócios Estrangeiros polaco, ficou em França como representante diplomático do Governo polaco junto do Governo de Vichy.

biello nem Zaleski pertenciam à MONICA⁷: ambos eram apenas intermediários e, portanto, a Resistência não ficara diretamente ameaçada.

Entretanto, Kramer continuava a conduzir através das ruas de Lisboa e em breve passaram pelo Campo Pequeno e alcançaram a avenida de acesso à estrada do Norte. No ponto combinado com os amigos, Nart pediu a Kramer para parar à sombra de umas árvores e poucos segundos depois o carro preto passava por eles sem se deter, desaparecendo na primeira curva.

Falando em francês razoável, o alemão disse a Nart que se sabia bastante a seu respeito em Berlim, onde era encarado com a consideração devida a um homem de talento, havendo a convicção de que ele dispunha de grande influência.

Em seguida, Kramer explicou que a guerra estava a decorrer de uma forma inesperada e que, nesta altura, dois perigos ameaçavam a Humanidade: 1. — O imperialismo da Rússia soviética, cujas vitórias significariam a destruição da Europa; 2. — O avanço do comunismo, que alastrava por todo o mundo. Os Polacos, que, com o seu extraordinário espírito de organização, conseguiam ter olhos e ouvidos por toda a Europa, sabiam disso tão bem como os Alemães.

Em resposta dos recentes acontecimentos na frente de combate, a situação da Alemanha dava lugar a uma série de novas possibilidades. Portanto, dizia Kramer, a Wehrmacht queria rever a atitude da Alemanha.

— É um imperativo lutar contra os comunistas em toda a parte. Eles constituem um perigo para toda a gente. Vou pôr as minhas cartas na mesa: os meus chefes pretendem saber se existe uma forma de resistência não comunista a tomar parte nesta luta. Devo preveni-lo de que os comunistas são desleais para com os outros movimentos de resistência. Temos disso amplas provas nos nossos arquivos.

Nart sorriu perante esta tática tão pouco hábil e tão direta. Os Alemães tinham tentado destruir os movimentos nacionalistas com o auxílio de denúncias comunistas e agora estavam a tentar levar os movimentos nacionalistas a denunciar os comunistas.

— As nossas organizações não colaboram com os comunistas. Sabemos que eles são desleais para conosco e, por isso, não mantemos

⁷ Prof. Zaleski, cientista polaco estabelecido há anos em França. Criptónimo da organização da Resistência antialemã dos polacos residentes em França.

relações com eles. Um dia, ajustaremos contas com a União Soviética e com os comunistas, mas, atualmente, eles são nossos aliados.

Kramer teve um sorriso de troça e comentou:

— Quer dizer semialiadados. Nós conhecemo-los, eles também já foram nossos aliados. Agora estão a tentar negociar connosco uma paz separada. Mas voltemos ao problema que anteriormente mencionei. Peça-lhe que medite sobre isso.

— Não vale a pena — respondeu Nart. — Nós, na Resistência, não nos atraímos uns aos outros.

— Mas vocês estão a ser atraídos a torto e a direito — retorquiu Kramer com ênfase.

— Se alguns indivíduos forem sujeitos, isso não quer dizer que devamos imitar o seu exemplo. Nada conseguirá com a sua sugestão. Creio que é melhor mudarmos de assunto — acrescentou Nart.

Kramer ergueu as mãos em sinal de resignação e exclamou:

— *Wie unpraktisch!*

Durante alguns minutos permaneceu em silêncio. Nart observava-o de relance, mas o seu rosto não revelava qualquer emoção. Então Kramer falou novamente, dizendo:

— Há ainda outro problema. Os meus chefes consideram que a política alemã, em relação à Polónia, não é razoável. Tal como as coisas se encontram de momento, eles não podem modificá-las, mas a verdade é que vocês, os Polacos, são difíceis de lidar. Nenhum se dispõe a escutar a voz da razão. Apenas conseguimos entrar em contacto com nulidades que nos falam por oportunismo ou medo. Uma vez que toda a população está contra nós, não conseguimos arranjar argumentos que justifiquem uma mudança de política em relação à Polónia. Deixe que lhe diga exatamente aquilo que os meus chefes têm em mente: gostaríamos de falar com algum dos dirigentes polacos de Londres sobre uma possível mudança de política, caso o Exército Vermelho avance mais. Nesse caso, a Polónia correria o mesmo risco que a Alemanha. Para defesa da Polónia contra os Russos, os Polacos deviam juntar-se aos Alemães.

Nart ficou completamente varado de espanto com esta sugestão que abria uma fantástica perspectiva na frente leste. Ele, alemão, agindo por ordem dos seus superiores, tinha acabado de revelar a situação desesperada em que se encontrava o Exército alemão. Se aquilo que ele tinha dito era verdade, então a Wehrmacht preparava-se para recuar para a Polónia

e necessitava, inclusivamente, do auxílio polaco. Evidentemente que não encontrariam qualquer apoio na Polónia e era ingenuidade da sua parte pensarem que poderiam contactar com um dos dirigentes polacos de Londres. Nart começou a pensar se valeria a pena continuar com uma conversa deste género, mas, por outro lado, o alemão sabia muitas coisas e, por isso, decidiu continuar durante mais algum tempo. Aquilo que ele tinha dito era loucura, mas, de qualquer forma, muito elucidativo.

— O senhor não se perde com rodeios e, por isso, deixe-me ser igualmente franco — disse Nart. — A vossa conduta na Polónia tem sido inqualificável. Sabe isso melhor do que eu. Se o povo polaco vos odeia, é por causa daquilo que vocês lhe têm feito. O Governo polaco em Londres exprime a vontade da nação polaca. Nesta guerra, o nosso principal trunfo é a nossa vontade inflexível. Nunca encontrarão um Quisling na Polónia. Se realmente desejam que a nação polaca cesse a sua hostilidade contra vós, porque não começaram por modificar a vossa atitude em relação aos Polacos? A sua proposta equivale, desculpe o termo, a uma provocação. Vocês pretendem desacreditar os polacos de Londres, sem procurarem aliviar o sofrimento do povo, na Polónia. Vocês estão a perder a guerra e imaginam que nós seremos tão loucos ao ponto de nos aliarmos a uma causa perdida e, ainda por cima, convosco, os nossos piores inimigos.

Kramer ficou vermelho e virou-se para Nart, um pouco atrapalhado, dizendo:

— Sim, é natural que pense isso, mas a situação é mais complicada do que parece. Há alemães e alemães. Nós não somos capazes de modificar a atitude de Hitler em relação à Polónia enquanto não houver uma iniciativa séria, ou qualquer indício de boa vontade, da vossa parte.

Esta declaração teve o condão de irritar Nart, que exclamou:

— Mas isso é chantagem. O que o senhor diz é que os Alemães continuarão a martirizar os Polacos até eles capitularem. Isso é um método ao estilo de campo de concentração.

Subitamente Kramer virou-se para Nart e declarou com grande convicção:

— Desde o início da guerra que os meus superiores têm tentado levar Hitler a adotar política diferente em relação à Polónia. De cada vez que abordam o assunto ele tem um ataque de histeria e desata a insultá-los.

Nart encolheu os ombros e pensou que Kramer estava apenas a repetir-lhe aquilo que Lazar já tantas vezes lhe tinha dito.

— Nada a fazer — comentou. — Vocês perderão a guerra, mas nós sobreviveremos.

Kramer puxou da cigarreira e estendeu-a a Nart:

— Fuma?

— Não, obrigado — respondeu, metendo as mãos nos bolsos. Em ocasiões como esta preferia não se entregar ao seu hábito favorito, pois assim dominava-se melhor.

Depois de acender o cigarro, Kramer recostou-se confortavelmente e disse lentamente, destacando cada sílaba:

— Mas acontece que nós temos armas novas. O mundo ficará surpreendido com o seu efeito devastador. Estão a ser preparadas coisas colossais. Você verá. Nada nos pode deter. Londres será destruída e todo o sul da Inglaterra ficará em chamas. A Grã-Bretanha deixará de existir como nação organizada. Nada lhe posso dizer sobre o aspeto técnico dessas armas secretas, mas pode acreditar quando lhe digo que a sua produção está muito avançada e já começámos a sua instalação. Já hoje lhe disse várias coisas mas pode ficar ciente de que considero esta a mais importante de todas.



Darlan com Pétain

Kramer olhou para Nart com tal insistência que este ficou admirado com a mudança operada na sua expressão. Até ali, Kramer tinha falado sem paixão e com um certo desprendimento. Uma vez por outra tinha revelado atrapalhação, mas por trás dessa calma aparente Nart tinha pressentido uma alma atormentada. Ao abordar a questão das armas secretas, essa tortura interior tornou-se claramente visível. Olhando para Nart, sublinhou:

— Fogo... destruição... ruínas...

Durante alguns segundos os dois homens olharam um para o outro, em silêncio. Gradualmente, a expressão do alemão abrandou e a sua voz regressou à normalidade.



Darlan em Berchtesgaden

— Voltando ao assunto — prosseguiu — o único perigo para nós e para o mundo inteiro é o bolchevismo. Se você conseguisse elevar-se

acima do conflito germano-polaco, que é trágico, bem sei, talvez pudesse compreender por que razão pessoas responsáveis na Alemanha estão a pensar na mobilização de todas as forças da Europa contra a ameaça bolchevista. Isso é inteiramente independente das relações atualmente existentes entre o seu povo e o meu. Os meus superiores estão perfeitamente conscientes do perigo soviético desde o início da guerra. Eu estive em Riga algum tempo, onde efetuei contactos secretos com o estado-maior soviético e tive ocasião de observar, de perto, os seus preparativos para atacarem a Alemanha. Sou, em parte, responsável pela decisão de Hitler em atacar a Rússia, devido às informações que enviei para Berlim. Atacámos a Rússia para termos a vantagem da iniciativa. Ao fazê-lo, só tínhamos a preocupação de que os Russos não soubessem disso com muita antecedência. Sabíamos que alguém do nosso estado-maior, alguém altamente colocado, estava a enviar-lhes informações. Ainda não conseguimos descobrir quem é, nem quais as vias que utiliza, mas as nossas decisões mais secretas continuam a chegar ao conhecimento de Moscovo. Como os Russos sabiam tanto sobre os nossos planos, tivemos de atacá-los na primeira oportunidade, sem lhes dar tempo de se prepararem. Infelizmente, houve dificuldades nos Balcãs e perdemos várias semanas preciosas na nossa primeira campanha russa.

O tempo passava e Nart tinha muito em que meditar. A conversa parecia já ter dado tudo o que tinha a dar e por isso pensou que era altura de lhe pôr fim. Olhando para o relógio de pulso, Nart disse:

— Lamento, mas tenho de me ir embora.

— Muito bem — disse Kramer, pondo o motor a trabalhar — regressemos, mas ainda voltaremos a falar sobre o nosso assunto. Vou comunicar as suas respostas aos meus superiores e dentro de duas ou três semanas terei notícias para si.

Estavam já a chegar ao centro de Lisboa, quando Kramer disse:

— Em breve, personalidades muito importantes virão a Lisboa. Penso que seria útil que lhe explicássemos os seus pontos de vista.

— Depois veremos — respondeu Nart, ao mesmo tempo que dava voltas à imaginação para descobrir que poderia dizer para ajudar os seus amigos que se encontravam em poder dos Alemães.

— Os senhores prenderam o conde Zabiello e o professor Zaleski. Zabiello está num campo de concentração, e Zaleski ficou com um braço partido e um olho arrancado pelos vossos agentes.

Kramer corou pela segunda vez, mas Nart prosseguiu com crescente azedume:

— O senhor sugere que nós, os Polacos, devíamos falar convosco mas, ao mesmo tempo, é desta maneira que tratam pessoas cuja tarefa era a de cuidarem do bem-estar dos Polacos na França. Os senhores sabiam muito bem que Zabiello e Zaleski representavam o Governo polaco em Vichy e que não eram espões nem tinham feito nada de prejudicial para vós. No entanto, estão a tratá-los da mesma forma horrível como tratam qualquer dos vossos prisioneiros perigosos.

Kramer olhou para Nart, muito sério, e disse:

— É impossível que eles sejam tratados dessa maneira, mas vou informar-me. Desde já lhe posso garantir, porém, que os meus chefes não são responsáveis por essas coisas.

A avenida, ao longo da qual Kramer conduzia, estava em obras na faixa central e o trânsito era desviado para uma pequena rua lateral. Inesperadamente, o alemão teve de virar à direita e num relance Nart pensou: «Estamos a desviar-nos do itinerário combinado».

Enquanto imaginava qual seria a reação dos seus amigos, Kramer teve de abrandar devido a um engarrafamento do trânsito. O carro preto parou ao lado e, através das janelas, quatro rostos ansiosos espreitaram para ver o que se passava dentro do carro do alemão. Quando o trânsito recomeçou a andar, Kramer carregou no acelerador mas, entretanto, tinha reparado na manobra do carro preto. Corando pela terceira vez, virou-se para Nart, que também estava embaraçado, e disse:

— Já vejo que tomou as suas precauções. Compreendo perfeitamente.

Nart não respondeu e durante o resto do caminho até ao Marquês de Pombal nenhum deles voltou a falar. Quando pararam, Nart saiu do carro e Kramer, fazendo uma saudação com a cabeça, arrancou. Segundos depois chegava o carro preto e Nart entrou nele. Os amigos ainda estavam excitados pelo incidente que os tinha induzido em erro. Não tinham reparado no desvio do trânsito e subitamente viram o alemão guinar para a direita.

«Carregámos no prego e fomos atrás de vocês. Só ficámos descansados quando te vimos e compreendemos que não havia novidade.»

Nart regressou a casa mergulhado nos seus pensamentos. O encontro com Kramer tinha-o perturbado, pois ficara com a impressão de ter

estado em contacto com uma fera perigosa, que tinha entre as garras os seus amigos, que ele procurava, em vão, ajudar.

O facto de a Gestapo se encontrar na pista dos seus contactos com a Resistência não o surpreendia, pois já o esperava há muito. Por outro lado, tudo o que Kramer tinha dito sobre os comunistas e os Russos era provocação e, de qualquer modo, não era novidade. Há meses que circulavam em Lisboa notícias sensacionais do género. Durante o verão de 1943, vários alemães importantes tinham aparecido na Espanha e em Portugal, procurando contactos com os Aliados. Um deles era o general von Falkenhayn,⁸ que apresentou as seguintes propostas em nome da Wehrmacht: 1. — Eliminação de Hitler e do seu regime; 2.— Depois disso, a Wehrmacht assinaria a rendição incondicional; 3. — As forças alemãs serão retiradas de todos os territórios ocupados, incluindo a Alsácia-Lorena, mas a Alemanha gostaria de conservar a Áustria e o corredor da Pomerânia; 4.— Poderão dar-se levantamentos revolucionários dentro da Alemanha, pelo que a Wehrmacht precisa de destruir o seu armamento para que não caia em poder dos revolucionários. (Se fossem os Aliados a destruir esse armamento, ele teria de ser concentrado em determinados locais, de onde poderia ser roubado pelos revolucionários.) 5. — Os generais alemães aceitam todas as condições dos anglo-americanos, a fim de retirarem rapidamente a Alemanha da guerra e salvarem a Europa de uma revolução⁹.

Os agentes provocadores alemães insistiam em dois temas: «Todos os europeus precisam de se unir contra o perigo comunista» e «Dentro da Alemanha existe um movimento para liquidar Hitler e instaurar um regime democrático». Como Nart estava ao corrente disso, as sugestões de Kramer não o surpreenderam.

Mesmo se tudo aquilo que Kramer tinha dito fosse falso ou não pas-

⁸ O general von Falkenhayn chegou a Lisboa declaradamente para comprar volfrâmio, estanho e outros materiais estratégicos. No dia seguinte ao da sua chegada enviou o seu ajudante-de-campo, major Harlow, a um industrial romeno cujo filho tinha tido negócios com os Alemães. Segundo Harlow, o general fazia parte de um grupo de militares que conspiravam para liquidar Hitler. Os Romanos enviaram Harlow a Nart e este passou-o aos Ingleses.

⁹ Os Ingleses não se mostravam interessados nas revelações do general. Este, porém, conseguiu, por intermédio de um jornalista português, já falecido, chegar à fala com elementos da embaixada dos Estados Unidos e partiu de Lisboa satisfeito, aparentemente, com os resultados da sua missão.

sasse de uma provocação, mostrava que os Alemães tinham perdido a sua autoconfiança. No entanto, a sua referência às armas secretas da Alemanha tinha preocupado Nart. Kramer falara muito a sério sobre elas. A Resistência polaca já tinha assinalado experiências com foguetões na Polónia, alguns meses antes, e até tinha enviado para Londres algumas peças desses misteriosos mecanismos.

Dois trabalhadores forçados polacos tinham comunicado que se realizavam experiências com foguetões em Peenemunde e os Americanos, amigos de Nart, perguntavam-lhe o que sabia sobre as armas secretas. Washington receava que os Alemães estivessem a preparar-se para a guerra bacteriológica. Por várias vezes Nart tinha pedido aos membros da Resistência polaca em França para observarem as instalações industriais onde poderiam ser escondidas culturas bacteriológicas. Outras fontes tinham comunicado que as armas secretas eram foguetões a jato.

Nart ficou impressionado pela revelação de Kramer de que existiam não só armas secretas, mas que também se faziam preparativos para o seu emprego.

«Londres será destruída e todo o Sul da Inglaterra ficará em chamas» — tinha ele dito. Portanto, era contra Londres e contra o Sul da Inglaterra que o ataque ia ser desencadeado.

Nart terminou o seu relatório sobre a conversa com Kramer, escrevendo: *Se é esse o seu objetivo, eles deverão instalar as suas máquinas infernais do outro lado do canal. Temos de as procurar no Norte da França e da Bélgica. Mónica poderá ser útil nesse sentido.*

Durante vários dias Nart meditou sobre a forma dramática como Kramer lhe tinha falado da existência dessas armas secretas. Ele não lhe tinha parecido contente nem triunfante, mas antes profundamente preocupado. Nart não conseguia afastar a impressão de que ele desaprovava o emprego dessas armas. A única explicação para isso era a seguinte: Kramer e os seus chefes tinham consciência da catástrofe que ameaçava a Alemanha, vinda do Leste. Ao mesmo tempo, Hitler preparava-se para destruir a Inglaterra. Kramer estava convencido de que as armas secretas alcançariam o seu objetivo no Ocidente, mas também sabia que isso não conseguiria travar o desastre proveniente do Leste. Nessas circunstâncias, a guerra tinha perdido o significado e não passava do sonho de um louco.

A base da filosofia de Hitler sobre a guerra — salvar a Europa do bolchevismo — há muito devia ter ruído no espírito de Kramer, que era um homem inteligente e sabia certamente muito mais do que aquilo que tinha revelado a Nart. Ele devia ter compreendido que, em vez de salvar a Europa, Hitler estava a preparar-se para a destruir, o que não o salvaria a ele da destruição. Kramer via claramente que só a Rússia tiraria daí benefícios.

O mecanismo fatal tinha começado a trabalhar e já não era possível pará-lo. Não era para admirar que os Alemães andassem com o espírito atormentado, o que também explicava os rumores, sobre as conspirações contra Hitler, que constantemente chegavam a Lisboa. Era evidente que a única forma de evitar esse apocalipse seria eliminando Hitler. Ou poderia o mesmo resultado ser obtido informando os Aliados da existência dessas armas terríveis? Teria sido esse o verdadeiro objetivo da conversa de Kramer?

Nart tinha ficado muito intrigado com o assunto e começou a tirar informações sobre Kramer. Os seus amigos húngaros disseram-lhe que Kramer era «o pior alemão de Lisboa» mas também para eles constituía um enigma e, perante a insistência de Nart, acabaram por admitir que não sabiam nada de concreto sobre ele. Por intermédio de Pangal, que a pedido de Nart tinha sondado o embaixador alemão, ficou a saber que Kramer era «um homem de Canaris», o que condizia com as suas próprias conclusões, a partir daquilo que Kramer lhe tinha dito sobre as suas ligações com os serviços de informação militar e sobre o seu trabalho em Riga.

Sem auxílio de ninguém, Nart descobriu onde Kramer morava. Era numa vivenda luxuosa e moderna no Alto Estoril, perto do campo de golfe, com uma vista magnífica para o mar. Kramer vivia ali sozinho, apenas com uma secretária. A vivenda, o automóvel e as informações dos húngaros sobre a vida à larga de Kramer: tudo indicava que ele pertencia realmente à Abwehr, que era notória pelo esbanjamento de dinheiro.

Algumas semanas mais tarde, Kramer telefonou a Nart e propôs nova entrevista, dizendo que tinha recebido os elementos que lhe prometera. Desta vez, Nart decidiu recebê-lo na sua residência.

À hora combinada, Kramer entrou pela porta que Nart deixara propositadamente aberta. As suas primeiras palavras foram:

— Para provar a minha boa fé, e o motivo que nos levou a prender os seus amigos, trago aqui alguns documentos que foram encontrados no quarto do professor Zaleski. — E, colocando um grande sobrescrito amarelo sobre a mesa, acrescentou: — Os meus chefes enviaram-me estes documentos da França. Nós já não precisamos deles, por isso pode guardá-los.

Nart abriu apressadamente o sobrescrito e encontrou lá dentro, além de algumas cartas sem interesse, um relatório com cerca de trinta páginas, escrito à máquina, sobre a reorganização da indústria na Alta Silésia e a sua contribuição para o esforço de guerra alemão, da autoria de Pavel Minkiewicz, um alto funcionário do Banco do Estado da Polónia, que vivia na Suíça.

— Nós sabemos que o professor Zaleski não escreveu este relatório — disse Kramer. — Seguimos o emissário que o trouxe da Suíça. O sobrescrito que o continha estava fechado e endereçado a um indivíduo em Londres. No entanto, este material foi encontrado no quarto de Zaleski. Por outras palavras: ele servia de intermediário num caso de espionagem. Portanto, deve desculpar-nos se tomámos medidas enérgicas.

Nart, que estivera a folhear o relatório, respondeu:

— Isto é um relatório, escrito por um economista, com base em estatísticas oficiais alemãs.

— Em tempo de guerra já têm sido enforcadas pessoas por muito menos — foi a resposta de Kramer.

Nart ficou novamente sem perceber por que motivo os Alemães se davam ao trabalho de fazer tudo isso. A menos que eles fossem tão ingénuos a ponto de pensarem que alguém acreditaria na sua aparente sinceridade e em troca seria igualmente sincero com eles, Nart não conseguia imaginar o que pretendia Kramer.

O alemão sentou-se numa cadeira de braços, em frente de Nart, e mostrava-se muito conversador. Mais uma vez começou por falar sobre a situação alemã e voltou a frisar a importância das armas secretas. No entanto, fugiu a responder às perguntas de Nart e nada revelou sobre a sua natureza. Os seus comentários, porém, reforçaram em Nart a convicção de que Kramer e os seus superiores se encontravam profundamente perturbados.

Algumas semanas mais tarde, Kramer apareceu com um seu amigo importante, cuja identidade Nart nunca chegou a conhecer. Tratava-se,

obviamente, de um militar, um homem bem parecido e inteligente, que interrogou Nart sobre a atitude dos Polacos. Em seguida, para mostrar que tinha focado todos os pontos, repetiu em resumo o que Nart tinha dito e acrescentou:

— Compreendemos que os Polacos se recusem a negociar conosco.

Nessa ocasião nada foi dito sobre as armas secretas, mas o amigo de Kramer — que talvez fosse o seu chefe — parecia ainda mais preocupado do que o próprio Kramer. Dava a impressão de que, desde o princípio, já sabia o que Nart ia dizer e quais as respostas a dar. Não ficou admirado nem aborrecido, parecendo aceitar a situação com toda a naturalidade.

O que mais impressionou Nart foi que nem Kramer nem o outro protestaram uma única vez contra as suas declarações sobre a inevitável derrota da Alemanha. Quando Nart salientou os erros cometidos por Hitler e disse que eles tinham, antes de mais nada, de ver-se livres desse louco, que estava a arrastá-los a todos para o abismo, os dois alemães olharam um para o outro e não responderam.

Do ponto de vista informativo, a conversa com Kramer revelou três coisas: 1. — O receio que os Alemães demonstravam da Resistência polaca mostrava que, depois de Estalinegrado, os generais alemães se tinham tornado conscientes de que caminhavam para a derrota; 2. — Eles atribuíam essa catástrofe a Hitler, o que provava a existência de uma cisão do Alto Comando da Wehrmacht; 3. — Aqueles que ainda acreditavam que a vitória era possível contavam unicamente com as armas secretas para salvar a Alemanha do seu destino. Mas, entretanto, os Aliados já sabiam da existência dessas armas e a contribuição de Kramer consistiria em revelar onde e quando seriam empregadas. O grande erro alemão tinha sido o de concentrar tantos esforços na produção dessas armas secretas para destruir a Inglaterra, a ponto de a produção de aviões ter sofrido bastante com isso.

O caso de Kramer, tal como o de Lazar, era um caso individual. Nenhum deles representava um movimento organizado, nem mesmo uma tendência. Ambos tentavam garantir-se apenas por métodos diferentes. Lazar era mais sincero e mais aberto, até porque conhecia Nart há muito tempo. Por outro lado, era austríaco e Kramer era um alemão limitado e

sem imaginação, que pensava poder deslumbrar Nart com as suas revelações iniciais, abrindo com isso o caminho para uma maior intimidade.

Se Nart tivesse mostrado maior simpatia humana e mais compreensão pelos problemas de Kramer, talvez ele tivesse revelado o seu íntimo, mas não fazia parte das funções de Nart decifrar a personalidade de Kramer, nem estava nisso interessado. De resto, ele compreendia perfeitamente o que preocupava Lazar e Kramer. Ambos tinham atingido posições e feito carreira, ao serviço dos nazis, que nunca tinham esperado. Ambos se sentiriam felizes se pudessem continuar, indefinidamente, ao serviço dos nazis se não fosse a guerra. Esta tinha começado bem, mas, em seguida, todos os cálculos foram por água abaixo. Ambos eram suficientemente inteligentes e estavam em posição de ver claramente os acontecimentos. Hitler continuava a guerra com tal obstinação, que estava a ameaçar, por esse facto, as suas posições pessoais.

Nesse momento, muitos alemães estavam em situação semelhante e pensavam de forma idêntica. Colaboraram de todo o coração com os nazis, enquanto eles tiveram êxito, mas agora que viam Hitler aproximar-se do colapso, revoltavam-se contra a perspectiva de perderem tudo e talvez de morrerem devido àquele «louco». Quando se encontravam em companhia segura, eles eram os primeiros a proclamar: «Hitler é um louco e um criminoso».

E, no entanto, eles não tinham coragem moral para se oporem a Hitler. Em primeiro lugar, porque pouco podiam fazer e, em segundo, porque na sua qualidade de dependentes dos nazis tinham receio de pôr em perigo a sua segurança pessoal. Não era para admirar que tivessem o espírito atormentado, divididos como estavam entre dois perigos. Queriam ver-se livres de Hitler, mas não queriam correr o risco que isso implicava. Outros teriam de correr esse risco, mas não os Kramers e Lazars. Nem mesmo elementos da classe trabalhadora alemã foram os autores do atentado contra Hitler. Fundamentalmente, ambos estavam impressionados pela sua oratória e pelos princípios pequeno-burgueses que Hitler tinha elevado a ritual de uma nova religião. Aqueles que correram o risco foram alemães de uma outra ténpera moral. Era um trabalho para cavalheiros e foi levado a cabo por cavalheiros. Falharam e, por isso, pagaram com o terrível preço da morte por estrangulamento lento.

O lugar de Kramer e de Lazar era na periferia desses acontecimentos históricos. O conde von Wartenburg, o conde Stauffenberg e oficiais

de boas tradições, tais como os generais von Witzleben, Beck e muitos outros, tentaram matar Hitler como um dever que lhes era imposto pela honra alemã e não como especulação política para conservarem vantagens pessoais.

Em princípios de 1944, Nart preparou-se para sair de Lisboa. Uma vez que a Gestapo estava ao corrente das suas atividades, não podia continuar a desenvolver o seu trabalho. Outro trabalho o aguardava agora em Londres. Subconscientemente, tinha ficado impressionado pela previsão de Kramer e acreditava que grandes acontecimentos estavam para se dar na Inglaterra.

Por isso, queria partir para onde o destino da guerra seria decidido. Lisboa tinha deixado de ter interesse.

M. MATOS E LEMOS

(Tradução e adaptação de um texto de Judith LISTOWELL)



A GARRAFA DE CONHAQUE QUE IA MATANDO HITLER

the 1990s, the number of people who have been infected with HIV has increased in almost every country in the world. In 1990, there were 1.5 million people living with HIV, but by 2000, this number had risen to 35 million (UNAIDS 2001).

There are a number of reasons why the number of people living with HIV has increased so rapidly. One of the main reasons is that the virus is highly contagious. It can be transmitted through sexual contact, blood transfusions, and sharing of needles. In addition, the virus can survive outside the body for several days, which makes it even more difficult to control.

Another reason why the number of people living with HIV has increased so rapidly is that there is no cure for the virus. While there are treatments available that can help to control the virus and prevent it from spreading, these treatments do not eliminate the virus from the body. As a result, people who are infected with HIV will remain infected for the rest of their lives.

Finally, the number of people living with HIV has increased so rapidly because of the lack of awareness and education about the virus. In many parts of the world, people do not know how to protect themselves from HIV. They do not use condoms, and they do not get tested for the virus. This lack of awareness and education has led to a rapid increase in the number of people who are infected with HIV.

The rapid increase in the number of people living with HIV has led to a global health crisis. In many parts of the world, the virus has become a leading cause of death. It has also led to a significant loss of productivity and income, which has had a devastating impact on the economies of many developing countries.

There is a need for a more effective and sustainable approach to the control and prevention of HIV. This approach should focus on increasing awareness and education about the virus, promoting the use of condoms, and providing access to testing and treatment services. It should also focus on addressing the social and cultural factors that contribute to the spread of the virus.

One of the most promising approaches to the control and prevention of HIV is the use of antiretroviral therapy (ART). ART is a combination of drugs that can help to control the virus and prevent it from spreading. It has been shown to significantly reduce the risk of HIV-related complications and death. However, ART is expensive and is not available in many parts of the world.

There is a need for more research into the development of a more effective and sustainable approach to the control and prevention of HIV. This approach should focus on increasing awareness and education about the virus, promoting the use of condoms, and providing access to testing and treatment services. It should also focus on addressing the social and cultural factors that contribute to the spread of the virus.

SMOLENSCO¹⁰, 13 de maio de 1943. 15 horas e 10. Ao longe, parece que lá muito longe, o Sol desce sobre a floresta, que se estende a perder de vista. O céu não tem cor e, embora seja ainda dia, é quase escuro como noite. No campo de aviação, o vento varre a pista, um vento que dir-se-ia trazer os últimos sopros do inverno. As árvores são sacudidas e os homens enregelam...

No meio do pelotão, na terceira secção, o cabo Gruber acha que aquela brincadeira já dura há demasiado tempo. Quase vinte minutos, imóvel, no mais rígido «apresentar armas», e começa a sentir os membros a gelarem, um após outro. É certo que ficara a saber o que o esperava logo que lhe disseram que estava escalado para uma guarda de honra, e tomara as adequadas precauções! Por baixo da calça de cotim enfiara uma calça de fazenda, mais quente e mais grossa, e tivera o cuidado de vestir aquelas ceroulas de um horrível amarelo-canário que Elsie lhe mandara na semana anterior e que provocaram as gargalhadas de toda a caserna. Mas, apesar de tudo isto, a cada rajada de vento tem a impressão de que lhe regam as pernas com um forte jato de água. E embora os jornais, que meteu entre a camisa e a primeira das três camisolas de lã, o protejam do frio, chega a parecer-lhe, com toda a nitidez, que já não tem orelhas nem dedos dos pés. Os dedos dos pés ainda os aquece um pouco, agitando-os dentro das grandes botifarras, mas as orelhas e o nariz causam-lhe uma dor atroz. Ardem tão dolorosamente que, por momentos, tem a impressão que vão desfazer-se, ou cair, pura e simplesmente.

¹⁰ Smolensco — cidade da Rússia, sobre o rio Dnieper. Centro comercial e industrial de 150 000 habitantes. A sua localização, no caminho da Europa para Moscovo, fê-la cenário de batalhas importantes em 1812 (Napoleão), em 1941 (invasão alemã) e em 1943 (retirada alemã).

Nesse momento, porém, o general von Schlabrendorff está bem longe de se preocupar com problemas desse género. Num grupo de generais e coronéis, veio ao aeródromo saudar um visitante ilustre, que se dignou gastar algumas horas do seu precioso tempo para reconfortar, com a sua presença, os chefes do Exército do Centro. Esse homem baixo, seco, nervoso, de rosto pálido e de corpo metido numa quente e comprida peliça castanha, de largas bandas de astracã, é Adolf Hitler. Na mão esquerda segura o célebre capacete blindado, com três lâminas espessas de aço duro, que pesa mais de quilo e meio, e com a direita aperta a mão aos oficiais e corresponde às continências.

15 horas e 15. Acompanhado pelo marechal von Kluge, que em Smolensco comanda o grupo de Exércitos do Centro, o senhor todo poderoso do Grande Reich dirige-se para o seu avião, cujos motores trabalham há cinco minutos. No céu, os «caças» da esquadrilha de escolta executam o seu costumado bailado, prontos a mergulhar sobre a menor presa. A uns trinta metros do avião, os homens da Terceira Secção apresentam armas. Na maioria, nunca viram o Führer e os poucos que já o viram nunca o tiveram tão perto. «Elsie nem vai acreditar, quando lhe contar tudo isto» — pensa o cabo Gruber.

Hitler aperta a mão de von Kluge e começa a subir os degraus da escada de embarque. O grupo de generais e de coronéis, a poucos passos, saúda. Atrás do Führer, sobe, agora, o chefe do seu estado-maior particular, o general Schmundt, e o seu ajudante-de-campo, o coronel Heinz Brandt. Este último leva na mão esquerda uma grande pasta de couro negro e na direita um embrulho, que parece pesado, ou, pelo menos, incomodativo. São duas garrafas de conhaque, que o general von Tresckow, adjunto de von Kluge, pediu a Brandt que levasse para Berlim e entregasse ao seu velho camarada, o general Stieff, e que o general Schlabrendorff, adjunto de von Tresckow, lhe entregou há pouco. Ao chegar à pequena plataforma, no alto da escada, à porta do avião, Hitler volta-se e, sorridente, faz a saudação de despedida, «A última saudação» — pensa von Schlabrendorff.

O vento, que ainda parece ter aumentado de violência, agita a mancha de cabelo castanho que lhe cai na testa e afasta alternadamente as grandes abas da sua peliça. Em baixo, o marechal von Kluge está tão rígido e imóvel como o cabo Gruber. Todos os olhares convergem para o homenzinho enérgico e sorridente, o chefe da «Alemanha Maior». No

entanto, o general von Tresckow, como o general Schlabrendorff e o coronel Gersdorff, que veem o coronel Brandt entrar no avião com as suas preciosas garrafas de conhaque, pensam que Hitler já não passa de uma recordação, de um horrível pesadelo, de uma página sombria na história da Alemanha. A porta fecha-se, os mecânicos retiram os calces, o piloto faz um sinal pela janela e o avião arranca. Acabou-se.

Von Tresckow volta-se, então, lentamente, muito lentamente, e interroga com os olhos von Schlabrendorff. Este limita-se a baixar as pálpebras: desencadeou-se a operação «Flash». São 15 horas e 19. Segundo um pequeno grupo de homens, Hitler está morto...

«Descansar armas!» Para o cabo Gruber acabou o calvário. Transido de frio, com o corpo quase gelado e os membros a doerem-lhe pela longa imobilidade, vai finalmente sair daquele danado campo de aviação. E já pensa na tigela de café que vai aquecer imediatamente na velha salamandra do gabinete. «Se desta vez não rebento tenho muita sorte» — murmura. E vai pensando que o faxina da messe dos oficiais, em troca de alguns cigarros, talvez lhe dê um bom copo de vinho. «Não chega a substituir um bom grogue, mas o vinho quente sempre é um bom reconfortante...»

Sentado no canto esquerdo do velho *Mercedes* amarelo do seu patrão, Fabian von Schlabrendorff pensa com impaciência quando se abaterá o maldito vento. E pergunta, também, porque será que a teimosa fábrica continua a não montar sistema de aquecimento nos veículos que fornece à Wehrmacht¹¹. E, friorento, embuça-se na grande gola do capote. De tempos a tempos, vira discretamente a cabeça para o lado direito e lança um olhar rápido a von Tresckow, que, como ele, está silencioso. Com o monóculo bem firme na órbita, as luvas e o estique nos joelhos, as botas altas a brilharem, vai enfiado no seu carro e parece não querer falar. A verdade é que tem tanto para dizer que nem ousa começar. Exatamente como von Schlabrendorff, há anos que espera este momento e, agora, nem sabe o que dizer. Só há silêncio, esse silêncio pesado e opaco, que sempre rodeia os grandes dramas...

«Já nem reconhecias o bairro. A maior parte das casas foi destruída e

¹¹ Wehrmacht — Forças Armadas, em alemão.

as que ainda continuam de pé, como a nossa, ficaram a tal ponto danificadas que metade dos habitantes as abandonou. Muita gente foi-se embora. Saíram da cidade e instalaram-se no campo, onde esperam estar a salvo dos bombardeamentos. Clara e Elizabeth foram para os lados de Willersheim. Da última vez que as vi, não tinham notícias de Otto e de Helmuth. Otto deve estar na região de Leninegrado. Quanto a Helmuth, continua na Tunísia, mas há pelo menos três semanas que não escreve. O filho dos Kraus foi morto em Estalinegrado, logo no primeiro dia da batalha. Encontrei a mãe, anteontem, e a pobrezinha está irreconhecível. A morte de Friedrich (não sei se cheguei a contar-te, mas foi morto há meses em Tobruk) já tinha sido um grande golpe, mas agora... O marido, a quem ainda não teve coragem de dar a notícia, está na Normandia. Escreve muitas vezes e está bem. Comanda um regimento de carros, na região de Arromanches; e afirma que nunca tinha comido tanto. A propósito, devo falar amanhã com a velha senhora Stertz, a que tem um primo em Berlim, no Grande Quartel-General. Vou pedir-lhe que faça qualquer coisa por ti. Talvez te possam transferir, por exemplo, para a Normandia, para junto do pai Kraus...» Gruber, que começa a sentir menos frio, pensa que, efetivamente, não seria nada mau que Elsie conseguisse arranjar-lhe uma transferência para a Normandia. Que, a bem dizer, se não fosse o frio não estava agora nada mal. A «frente» fica longe, os alarmes aéreos são pouco numerosos e o facto de viver na comitiva dos grandes chefes dá-lhe certas vantagens, mais que não seja, por exemplo, na alimentação que, na generalidade, é bem boa. Quanto ao patrão, o general von Schlabrendorff, não é muito complicado. Gruber sempre pensara que poderia ter caído ao serviço de um desses oficiais que passam o tempo a apertar com o pessoal do seu estado-maior, com todas essas histórias de regulamentos, de calças vincadas e de cabelos bem cortados. «Nada há pior» — pensava ele — «do que esses idosos oficiais prussianos da velha escola». Mas Schlabrendorff, desde que o trabalho apareça feito, não se preocupa com o resto.

Ao abrir a porta do seu gabinete, Fabian Schlabrendorff fica agradavelmente surpreendido com o doce calor que ali encontra.

Schlabrendorff dirige-se lentamente para a enorme mesa de trabalho, que ocupa grande parte da divisão e na qual há várias pilhas de

dossiês. E, de repente, levado por um súbito pensamento, para e vai até ao mapa afixado na parede, ao lado da janela. E, ao mesmo tempo que descalça as luvas e despe o capote, o adjunto de von Tresckow segue a linha imaginária que o avião do Führer deve percorrer para regressar a Berlim.

Na sala ao lado, há máquinas de escrever a crepitar e soam os telefones. Schlabrendorff entra e ordena ao plantão:

— Ligue-me ao capitão Gehre, do Grande Quartel-General de Berlim.

— Muito bem, meu general, ligo já.

Schlabrendorff fecha a porta e vai sentar-se à secretária. Ali ao pé, ouve o ronronar da salamandra, mas, lá fora, o vento continua a uivar. Durante alguns minutos, Schlabrendorff dá voltas e mais voltas ao corta-papéis de prata. O telefone soa e Gehre está na ponta do fio. «Está, Gehre?» «Está, meu general?» «Gehre, temos de tratar do caso dos fornecimentos de gasolina...» É uma conversa banal de oficiais do estado-maior, uma conversa que dura quase cinco minutos.

«Pronto, muito bem!, faça o que puder. Até à vista, meu velho. Ah! *Não se esqueça de apresentar cumprimentos à sua esposa.*» E Schlabrendorff desliga. Sabe que nesse mesmo momento Gehre já estará a telefonar ao Dr. Donhanyi, que logo a seguir este avisará o general Oster, que haverá centenas de telefonemas, de ponta a ponta da Alemanha e mesmo na França, e que centenas de homens continuarão a conversar ao telefone com o pedido, ao seu interlocutor, de «*não se esqueça de apresentar cumprimentos à sua esposa*». Por outras palavras: centenas de homens saberão que se iniciou a operação «Flash». Em Berlim, Munique, Colblença, Paris ou Smolensco começa a espera...

O caso começou a 1 de fevereiro anterior, um dia depois da capitulação de Estalinegrado. Com a teimosia de querer dirigir pessoalmente as operações militares, com a recusa de tomar em consideração os avisos numerosos e constantemente renovados pelos seus marechais, Hitler torna-se o único responsável por este desastre. E ao condenar à morte certa algumas centenas de milhares de homens do VI Exército do marechal von Paulus, condena-se também, não só perante os generais, mas também, o que é mais grave, perante a opinião pública alemã. Uma opinião já emocionada pelos graves reveses sofridos por Rommel na África

e diariamente abalada e impressionada pelos terríveis ataques dos bombardeiros ingleses e norte-americanos.

Para o homem da rua, com efeito, Estalinegrado é uma catástrofe nacional. Porque, apesar de todas as diligências dos serviços de propaganda do Reich, para dissimular, não a derrota, mas pelo menos a sua amplitude, a notícia espalha-se rapidamente por todo o país. Intoxicada e cega durante meses e anos pela Rádio e pela Imprensa do Partido, a opinião pública alemã desperta em pleno drama. E se os militares consideram este desastre uma mera modificação das operações na frente leste, os civis encaram-na como o fim do mito da invencibilidade do Exército do Grande Reich. Com o caso de Estalinegrado os Alemães descobrem, de um dia para o outro, uma realidade que não podiam ou não queriam admitir.

E a dúvida entra nos espíritos. De um dia para o outro descobrem a guerra, com o cortejo de privações, do racionamento, de filas nas lojas, de separações e de luto. Descubrem também os bombardeamentos. Há meses que não se passa um dia, ou uma noite, sem que venham despejar toneladas de bombas, no território nacional, os «Liberator», os «Halifax», os «Mosquitos», os «Lancasters» ou as «Fortalezas Voadoras». Os grandes centros industriais, as fábricas de aviação ou de armamento, os quartéis, os aeródromos, os portos, os pontos fortificados, as barragens, as pontes, as estradas, as estações, os entroncamentos e as vias férreas estão 24 horas por dia ameaçados pelos homens do Bomber Command norte-americano ou da Royal Air Force. Perante este facto, tão evidente, os discursos de Goebbels sobre o inexcedível poder da Luftwaffe¹², cada vez soam mais a falso; e o homem da rua chega à conclusão de que os «caças» alemães são absolutamente incapazes de se impor e, por consequência, de se oporem aos bombardeamentos.

Uns após outros, despedaçam-se os véus. Na Tunísia, os sonhos africanos do Führer estão prestes a desfazerem-se. Depois da sangrenta derrota de El Alamein nada há, na verdade, que pareça capaz de deter a longa retirada empreendida pelos homens do Afrika Korps. A recuar na Tunísia, os soldados de Rommel estão em risco de serem cercados pelas forças norte-americanas que quatro meses antes desembarcaram na Argélia e aos quais se juntaram as unidades francesas do general Giraud. A ratoeira vai-se fechando, de hora para hora, e as famílias dos que se

¹² Luftwaffe: aviação militar.

batem no Norte de África perguntaram com angústia se Rommel poderá salvar o seu exército e trazê-lo para a Europa.

Na própria Europa, porém, os soldados da Wehrmacht não estão ao abrigo de surpresas. Em todos os países ocupados pelos Alemães, os movimentos de resistência tornam-se de dia para dia mais numerosos, mais bem organizados e mais poderosos. Na França, na Holanda, na Noruega, na Dinamarca e na Checoslováquia multiplicam-se os atentados e a sabotagem. Na Jugoslávia, na Polónia e, sobretudo, na Rússia, os resistentes constituem verdadeiros exércitos, que operam no interior dos dispositivos alemães e obrigam a fixar importantes efetivos, que o comando é obrigado a manter longe da «frente». Por todo o lado o poder do Reich é discutido, quando não ameaçado.

Até os próprios aliados da Alemanha começam a duvidar! Os romenos, os húngaros e os italianos, que tiveram muitas das suas unidades dizimadas em Estalinegrado, tentam abandonar o leste e começam a afastar-se de Hitler. Mussolini, inquieto com o rumo que tomam os acontecimentos na África do Norte, aterrorizado pela perspectiva dos Aliados abrirem uma segunda frente na Itália, suplica ao Führer que assine, urgentemente, uma paz separada com os Russos e consagre todos os seus esforços e todos os seus recursos à defesa da frente ocidental.

Este agravamento da situação militar, esta lassidão mesclada de dúvida que começa a instalar-se na opinião pública alemã oferece um terreno tão favorável que a oposição, por fraca e desorganizada que seja, não deixa de explorar. E é por isso que, no dia seguinte a Estalinegrado, se assiste, por toda a parte, a manifestações desta oposição, que se caracterizam quer pelo reagrupamento clandestino de formações políticas e sindicais dissolvidas pelo Governo, quer ainda por explosões da cólera que já não é possível conter mais tempo.

Os casos trágicos da História fazem com que a primeira manifestação antinazi se registe em Munique, o berço do nazismo. A 8 de fevereiro, portanto sete dias depois da capitulação de von Paulus, dois estudantes de Medicina, Hans e Sophie Scholl, respetivamente de vinte e três e vinte e um anos, lançam punhados de manifestos anti-hitlerianos da varanda da universidade. Pertencem ambos a um círculo clandestino que, sob a direção do professor Kurt Huber, tem como órgãos as *Cartas da Rosa Branca*, jornal clandestino de oposição. Em poucos minutos, toda a universidade é um formigueiro de agitação. Os estudantes espalham-se pe-

las ruas da cidade a gritar *slogans* hostis ao Governo, aparecem manifestos colados nas paredes e outros são metidos nos recetáculos do correio dos prédios. A manifestação atinge tal amplitude que o próprio *gauleiter* da Baviera é obrigado a intervir. Mas ao ir à universidade ralar com os jovens turbulentos é recebido por um tumulto monstruoso.

E esquecendo então as palavras moderadas e a lição de moral que preparara, o representante do Führer eleva o tom, irrita-se e ameaça. Para mostrarem o seu desprezo e a sua indiferença, os estudantes saem tumultuosamente, empurrando o visitante — e empurrando também os poucos SS que o acompanham. Hans e Sophie Scholl, o professor Huber e mais três jovens são presos no dia seguinte. Interrogados e torturados pela Gestapo, acabam por ser condenados à morte. E antes de morrer, Sophie Scholl diz, com simplicidade: «Não se pode matar a liberdade!»

É mais ou menos na mesma época, a seguir a Estalinegrado, que dois jovens aristocratas alemães, o conde Helmuth James von Meltke e o conde Peter Yorck von Wartenburg, fundam o *Círculo de Kreisau*. Agrupa aristocratas, democratas-cristãos, socialistas, sindicalistas, católicos e protestantes e é animado por homens tão profundamente diversos como, por exemplo, Julius Leber, Theodore Haubach, Wilhelm Leuschner ou Eugen Gerstenmaier. Assim, o grupo assemelha-se mais aos salões franceses do século XVIII do que a um círculo de conspiradores. Para estes homens, na verdade, o que interessa não é a eliminação física do Führer, mas estudar e preparar soluções políticas que seja avisado aplicar na hipótese de se dar esse caso.

Nesse mês de fevereiro de 1943, são ainda os militares que parecem mais bem organizados e, sobretudo, mais decididos. Agrupados em torno dos generais Beck, Oster, Olbricht, von Tresckow e von Schlabrendorff e do velho marechal Witzleben, conseguem constituir uma importante rede, cujas cumplidades e ramificações se estendem rapidamente até às próprias unidades combatentes e aos grandes estados-maiores. Alguns civis, desapontados pela inércia, pelas palavras vãs e pelo aspeto negativo do *Círculo de Kreisau*, juntam-se aos militares. Os mais ativos e mais eficientes são Goedeler, von Hassel, von Donhanyi e Gisevius, estes dois últimos mais especialmente encarregados dos contactos com os anglo-saxões, graças aos canais da Suécia e da Suíça.

É no dia seguinte em Estalinegrado, quando se torna aparente que a

catástrofe final é inevitável, e que a opinião pública está nitidamente menos favorável ao Governo, que os militares decidem tomar a iniciativa.

Instalado na velha poltrona castanha do seu gabinete, Fabian von Schlabrendorff não consegue concentrar a atenção no volumoso relatório que abriu e que se obrigou a ler. A chuva miudinha, que começa a cair, bate levemente nas vidraças da única janela. Na sala vizinha, alguém datilografa rapidamente na máquina de escrever. Um cigarro vai-se consumindo lentamente no cartucho de obus da DCA, que serve de cinzeiro. Schlabrendorff volta a ver-se, minutos antes da partida do avião do Führer, nos lavabos do aeródromo, a preparar as «garrafas de conhaque». Lembra-se de ter carregado no detonador e de ter verificado se a pressão do dedo fora suficiente para quebrar a ampola de onde vai derramar-se o líquido corrosivo e volta a imaginar a ação do líquido, que começa a roer o fio metálico que trava o percutor. Recorda-se da cautela e da pressa com que voltou a embrulhar as «garrafas» e da falsa serenidade que afetou no momento em que voltou para a comitiva, no aeródromo, e ainda mais na altura em que entregou as «garrafas de conhaque» ao coronel Brandt. Depois disso já passaram três quartos de hora, mas para Fabian von Schlabrendorff os minutos parecem longos, muito longos. E olha, mais uma vez, para o relógio...

... 15 horas e 47! Henning von Tresckow volta a meter o relógio na algibeira, lança um olhar rápido no mapa afixado na parede mais próxima e pensa que o avião de Hitler deve estar agora sobre a zona de Minsk. Pela janela fronteira avista, a uma dezena de metros, a barraca em que está o gabinete de von Schlabrendorff.

E von Tresckow supõe que, nessa altura, o jovem general anda pelo seu gabinete, às voltas, como um felino na jaula...

... A centenas de quilómetros, na cidade de Berlim, o general Friedrich Olbricht ouve, sem realmente dar atenção, um jovem coronel da reserva, que explica os problemas de fardamentos, provocados pela próxima criação das milícias municipais. Olha-o e chega à conclusão de que o jovem oficial da administração é mais que um simples coronel, é o tipo acabado do oficial da Wehrmacht. E procura imaginar a sua reação quando souber que o Führer morreu num «desastre» de avião. Que fará? Que farão os oficiais da Wehrmacht? Deixarão que

arrastem os irredutíveis, os fiéis de Hitler, como Himmler, que pela sua parte tentará o impossível para salvar o regime ou, pelo menos, para se aproveitar do golpe e suceder ao seu mestre, com o auxílio da Gestapo, dos SS e das múltiplas organizações paralelas do partido? Olbricht não acredita que assim seja. Conhece bem o Exército, sabe que há um fosso a separá-lo dos SS e sabe também, sobretudo desde a queda de Estalinegrado, que é pouco o crédito dado a Hitler pelos generais e oficiais. Se Olbricht não estivesse tão convencido, teria esperado mais alguns meses, antes de permitir a operação «Flash». Esperaria que a conjura estendesse os seus tentáculos ainda mais profundamente nas engrenagens do Exército e da Administração. E não teria dito em 17 de fevereiro a von Schlabrendorff, que viera especialmente a Berlim para o ver: «Estamos prontos, é a altura de fazer saltar as primeiras faíscas». E isso equivaleria a afirmar: «Podem agora tratar da saúde ao Führer, porque em Munique, em Colónia, em Dusseldórfia, em Leipzig, em Hamburgo, em Berlim ou em Paris os meus amigos estão prontos a tomar conta dos principais lemes de comandos e a neutralizar os SS...»

«Smolensco, 13 de março. Minha querida Elsie, recebi mesmo agora a tua última carta (em que me anuncias a morte do filho dos Kraus), que muito agradeço. Está muito frio, com um vento glacial a soprar constantemente sobre a floresta em que estamos instalados e há meia hora que cai uma chuva fina e penetrante. Ao contrário do que possas pensar, aqui, na verdade, o inverno ainda não acabou. Estou a escrever-te da secretaria, onde esta tarde há a mais completa calma. Quero contar-te que tivemos a visita do Führer e que as poucas horas que cá passou revolucionaram a rotina diária, para não falar já das inúmeras revistas e inspeções antes da sua chegada. Nem podes calcular como a vinda de um chefe faz com que os nossos comandantes fiquem loucos. E vale a pena dizer-te que, neste momento, as coisas se aceleram por cá. Não me admirava nada que estivessem a preparar uma grande operação nesta zona. Na semana passada estive cá o almirante Canaris durante quarenta e oito horas, com alguns dos seus adjuntos. Conto isto para que vejas...»

Perto dali, na barraca do estado-maior, Schlabrendorff aguarda. De olhos fitos no telefone, não sabe quanto tempo terá ainda que esperar. E pensa então em todas as entrevistas às escondidas, em todos os encontros clandestinos e em todas as reuniões secretas que houve durante

anos. E pensa no receio permanente de indiscrições, de gabarolices ou de traições que lhe tornou longas as noites sem sono. E revê as feições dos seus amigos que morreram na tortura mas não falaram. Algumas cartas, algumas cenas voltam a ter vida no seu pensamento. Recordar-se, por exemplo, daquele 6 de março, o dia em que foram decididos os últimos pormenores da operação «Flash». E foi apenas uma semana antes...

... Pelas 17 horas, um velho «Junker 52» aterra na pista cheia de neve do aeródromo de Smolensco. Descem três homens, dois militares e um civil. O civil é Hans von Donhanyi, homem novo e esbelto, de feições finas, cabelos louros, dotado de uma inteligência brilhante e de um espírito vivo e penetrante.

Adido ao estado-maior do almirante Canaris, grande chefe do Abwehr¹³, é um dos principais chefes da conjura. Na verdade — pensa Schlabrendorff — é a própria alma da conspiração. Há anos que este advogado, antigo diretor do Banco de Leipzig, dedica toda a energia, toda a vontade e o seu incrível dinamismo ao serviço da sua causa. Há anos que percorre a Alemanha, sacudindo os tímidos, persuadindo os hesitantes e reconfortando ou encorajando os que começam a ter medo ou, mais simplesmente, começam a duvidar do êxito da aventura, tão grande é o risco.

A segunda personagem a desembarcar do velho «Junker 52» é o próprio almirante Canaris. Homem baixo e magro, de aparência tímida, desaparece quase inteiramente numa gabardina azul muito comprida, e a personagem simultaneamente mais misteriosa e mais temível do Reich, o único homem que pode rivalizar em poder com Hitler ou com Himmler. Aos 56 anos, o homem que por vezes designam como o «Pequeno Grego», devido à sua longínqua ascendência levantina, em nada se parece com um militar. Profundamente religioso, muito culto e com uma personalidade mais impenetrável que se pode dar, que ninguém ainda conseguiu gabar-se de o conhecer realmente, nem mesmo o general Erwin von Lahousen, o seu mais íntimo colaborador, que, nesse mesmo momento, está a seu lado na pista do aeródromo de Smolensco. Canaris é o chefe do Abwehr, o poderoso serviço de informações da contraespionagem do Reich.

«... Tornou-se mestre na arte de afogar uma informação exata, for-

¹³ Abwehr: Serviços Secretos das Forças Armadas.

neceja por um dos seus agentes, no mar de falsas informações, ou de baralhar tão bem as pistas da contraespionagem que os próprios especialistas acabam por nada reconhecer... Ninguém sabe ao certo o que ele pensa: percebe-se que tem ideias e intenções firmemente implantadas, mas chega-se à conclusão de que é melhor não se comprometer ninguém com este homem misterioso. Deste modo, o Abwehr é, para ele, um instrumento dócil, em cujo teclado toca para obter o que lhe parece mais conveniente... anda por toda a parte, no país, no estrangeiro, deixando à sua passagem uma profunda esteira, mas nunca onde a situação se torne perigosa ou onde cheguem as perguntas difíceis do Quartel-General do Führer. Com este método, torna-se indispensável, de modo que Hitler lhe confia os segredos da política externa...»¹⁴

De facto, esta viagem de Canaris a Smolensco nada tem, aparentemente, de extraordinário. Para esse viajante infatigável, de quem se diz que o gosto pelas deslocações se converteu numa verdadeira mania, trata-se apenas de uma simples missão de rotina, que lhe permitirá estabelecer contacto com os representantes dos seus serviços no grupo de Exércitos do Centro. No entanto, Canaris sabe que, ao fazer-se acompanhar a Smolensco pelo Dr. von Donhanyi, que fora quem provocara esta missão, viajava acompanhado por um dos principais chefes da conjura. Sabe também que o doutor vem a Smolensco para se encontrar com os generais von Tresckow e von Schlabrendorff e assentar com estes os derradeiros pormenores do atentado contra o Führer, que preparam. Canaris sabe tudo do caso. Porque há muito tempo tem conhecimento do que se trama e pode estar perto de conhecer, um por um, os conjurados, a começar pelo chefe do seu próprio estado-maior, general Oster, pelo seu fiel adjunto, general Lahousen, sem falar do general Olbricht ou do general Goedeler. Mas Canaris não é um traidor.

Alguém disse um dia que ele fazia jogo duplo, mas que era sempre impossível saber onde parava de jogar. Mais tarde, outro afirmaria que o chefe do Abwehr, ao dar a cumplicidade do seu silêncio à conjura, só pretendia tirar dela o melhor benefício, no caso de haver êxito. Fosse como fosse, mais uma vez o mistério de Canaris fica de pé, completo. Há um facto que se conhece: o seu ódio por Hitler, por Himmler, pelo Nacional-Socialismo em particular e, na generalidade, pela arbitrariedade, pela força, pelo crime, pela barbárie e pela guerra. E é talvez este ódio que

¹⁴ *Jusqu'à la lie*. de H. B. Gisevius. Calmann-Lévy, Paris, 1949.

explica as suas inúmeras intervenções a favor dos judeus, dos cristãos ou dos inimigos ameaçados de morte pelo Governo. Sabe-se, em particular, que os raptos do Papa e do rei da Itália, os assassinios dos generais franceses Giraud e Weygand e o golpe de força contra Gibraltar só puderam ser evitados no último momento graças à sua intervenção oculta.

No apogeu do seu êxito, Hitler formara realmente o audacioso projeto de se apoderar do poderoso «rochedo» do Mediterrâneo. O golpe poderia ser executado, mas provocaria, inevitavelmente, o prolongamento da guerra e, por consequência, o agravamento das ruínas provocadas na Alemanha pelos bombardeamentos Aliados. Canaris foi encarregado de sondar sobre o assunto o ministro espanhol dos Assuntos Exteriores, Jordana. Seguiu para a Espanha de avião com o seu fiel von Lahousen, ao qual ditou, antes mesmo de ser recebido pelo ministro, um relatório de que se depreendia que a Espanha recusava categoricamente a sua colaboração e a autorização para a passagem das forças germânicas pelo seu território. E veio a sentir depois grande inquietação porque o ministro se exprimia em termos muito menos categóricos do que os consignados no tal relatório.

Quando o chefe do seu estado-maior, general Oster, em princípios de 1942, teve informações sobre um projeto que consistia em raptar, num só golpe de mão, o Papa e o rei da Itália, bastou aludir levemente ao caso, numa conversa telefónica. O almirante, que estava então na Crimeia, partiu imediatamente de avião para Berlim e depois foi a Veneza, a fim de prevenir os seus colegas dos serviços secretos italianos.

No entanto, apesar da sua clara hostilidade ao Governo e da sua ação, por vezes negativa, o almirante Canaris não está comprometido na conjura. Adversário da violência, agrada-lhe tão-pouco um atentado contra Hitler como uma revolução da Wehrmacht. E, até ao fim, aquele que se diz só viver para impedir, vai conseguir, sob as aparências da maior atividade, mostrar-se o mais tranquilo dos espectadores.